



Vânia Madalena Sampaio Faria

## ORALIDADE NA AULA DE LÍNGUAS: DESENHO DE MATERIAIS

Dissertação no âmbito do Mestrado em Ensino de Português 3º Ciclo de Ensino Básico e Ensino Secundário e Língua Estrangeira de Ensino Básico e Ensino Secundário

**2009**



## **ORALIDADE NA AULA DE LÍNGUAS: DESENHO DE MATERIAIS**

**Dissertação de Mestrado em Ensino de Português 3º Ciclo de Ensino de Básico e Ensino Secundário e Língua Estrangeira de Ensino Básico e Ensino Secundário, orientada pela Professora Doutora Isabel Margarida Duarte e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

**Setembro de 2009**

## **AGRADECIMENTOS**

Esta dissertação de Mestrado não teria sido possível sem a preciosa colaboração de algumas pessoas às quais gostaria de exprimir os meus sinceros agradecimentos.

Um agradecimento muito especial à Professora Doutora Isabel Margarida Duarte pela competente orientação deste trabalho. O meu reconhecimento pelas palavras de incentivo, revisões do texto, pelos valiosos conselhos, pela paciência e pela disponibilidade que lhe subjaz.

Ao Professor Doutor Rogelio Ponce León Romeo pela orientação, conselhos e disponibilidade que sempre demonstrou ao longo da elaboração do trabalho.

Às minhas orientadoras de estágio da Escola Secundária Martins Sarmiento, Dr.<sup>a</sup> Glória Machado e Dr.<sup>a</sup> Diana Antunes que sempre me brindaram com as palavras certas nos momentos mais oportunos, enriquecendo, assim, a minha aprendizagem.

A todos os professores da componente lectiva do Mestrado agradeço as bases teóricas indispensáveis para a concretização deste trabalho.

Gostaria também de agradecer aos meus amigos, em especial à Anabela pela amizade e apoio nos momentos de maior desânimo.

Por fim, mas não com menos importância, aos meus pais e ao meu irmão pelo carinho e incentivo constante para a realização desta dissertação de Mestrado e ao meu marido pelo apoio, sempre presente numa palavra, num gesto ou num sorriso.

## **RESUMO**

A comunicação oral não se reduz a saber falar, significa também transmitir uma informação correctamente. É um locutor/falante ser capaz de transferir para o interlocutor/ouvinte mensagens de uma forma fácil e sem desvios, não esquecendo que a escrita difere da oralidade, que é dinâmica e complexa, logo o treino do oral é importante.

No domínio da oralidade, defende-se um treino e uma aprendizagem desta competência comunicativa em contexto de sala de aula, para que, futuramente, os discentes possam fazer uma exposição oral correctamente, produzindo um discurso coerente, recorrendo a todos os elementos que fazem parte da oralidade.

O professor deve conferir importância a este treino, diferenciando as estratégias e os estilos de aprendizagem, deixando de ser o único detentor do saber e passando a ser o orientador e facilitador das aprendizagens. Deve, também, responsabilizar o aluno pela sua própria aprendizagem, dando-lhe a oportunidade de intervir sobre o que aprende e o modo como aprende desenvolvendo, assim, a sua autonomia, capacidade de resolução de problemas, planificação, comunicação, colaboração e de auto-avaliação.

Este trabalho deve ser acompanhado por dispositivos pedagógico-didácticos ajustados e pela produção de materiais adequados ao perfil dos alunos e aos seus contextos de formação.

Neste relatório, dá-se conta da reflexão feita em torno do treino da oralidade na aula de Línguas, durante o ano de estágio pedagógico, e são propostas algumas estratégias e materiais para treino desta competência nas Línguas Materna (Português) e Estrangeira (Espanhol).

## **RESUMEN**

La comunicación oral no se reduce a saber hablar, significa también transmitir una información correctamente. Lo constituye el hecho de que un locutor/hablante sea capaz de transferir para el interlocutor/oyente mensajes de una forma fácil y sin desvíos, sin olvidar que la escritura es distinta de la oralidad, que es dinámica y compleja; en consecuencia, el entrenamiento de lo oral sea importante.

En el dominio de la oralidad, se defiende un entrenamiento y un aprendizaje de esta competencia en contexto de aula, para que, futuramente, los profesores puedan hacer una exposición oral correctamente, produciendo un discurso coherente, recurriendo a todos los elementos que hacen parte de la oralidad.

El profesor debe otorgar la importancia a este entrenamiento, diferenciando las estrategias y estilos de aprendizaje, dejando de ser el único portador del saber y pasando a ser el orientador y facilitador de los aprendizajes.

Debe, también, responsabilizar al alumno por su propia aprendizaje, dándole la oportunidad de intervenir sobre lo que aprende y el modo como aprende desarrollando, así, su autonomía, capacidad de resolución de problemas, planificación, comunicación, colaboración y de autoevaluación.

Este trabajo debe ser acompañado por medio de dispositivos pedagógicos didácticos ajustados y por la producción de materiales adecuados al perfil de los alumnos y a sus contextos de formación.

Partiendo de este presupuesto, se da cuenta de la reflexión hecha en torno del entrenamiento de la oralidad en la clase de Lenguas, durante el año de prácticas pedagógicas, y son propuestas algunas estrategias y materiales para el entrenamiento de esta competencia en las Lenguas Materna (Portugués) y Extranjera (Español).

## **ABSTRACT**

Oral communication is not only to know how to speak, it means also to transmit correct information. It is a speaker/eloquent be able to transfer to the interspeaker/listener messages from a easy way and without deviation, not forgetting that the writing is different from orals, which is dynamic and complex, so the entrainment of the orals is very important.

On the oral's rule, an entrainment is defended and an apprenticeship of this communicative competence in classroom context, to, in the future, students can do an oral's exposition correctly, producing a coherent speech, recurring at all elements which make part of oral's.

The teacher should compare importance to this entrainment, distinguishing the strategies and the apprenticeship styles, leaving to be the only holder of the knowledge and passing to be the leader and apprenticeship easier.

Should, also, to hold responsible the student for his apprenticeship himself, giving him the opportunity to take part about what he learns and the way how he learns developing his autonomy, problems resolution capacity, planning, communication, collaboration and auto-evaluations.

This work should be accompanied by settled devices pedagogic-didactics and by material production fitted to the profile of the students and his formation contexts.

In this report, it gives count of the reflection made about the oral's entrainment in a Languages classes, during the pedagogic training post year, and some strategies and materials are proposed to the entrainment of this competence in Mother Language (Portuguese) and Foreign (Spanish).

## Índice

1. APRESENTAÇÃO .....	3
2. OBJECTIVOS DO ESTUDO .....	5
3. INTRODUÇÃO TEÓRICA .....	5
3.1. Especificações Gerais .....	5
3.2. O oral nos programas de Português e Espanhol Iniciação .....	8
3.2.1. Programa de Espanhol .....	8
3.2.2. Programa de Português .....	10
4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO ORAL .	12
4.1. Dificuldades elencadas .....	12
4.2. Comunicação Oral: enquadramento teórico .....	18
4.3. Componente paraverbal de uma exposição oral .....	22
4.3.1. Ritmo, volume da voz, articulação e entoação .....	23
4.3.2. Postura do corpo, olhar e gesticulação .....	24
4.3.3. Discurso .....	24
4.4. Preparação da produção oral .....	25
4.5. Treino da oralidade em contexto não escolar .....	26
5. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA LECTIVA .....	29
5.1. Introdução .....	29
5.2. Caracterização das turmas .....	31
5.2.1. Português .....	31
5.2.2. Espanhol .....	33
5.3. Actividades realizadas nas aulas para a aprendizagem e treino do oral .....	35
5.3.1. Português .....	36
5.3.2. Espanhol .....	39
5.4. Algumas sugestões de actividades para treino da oralidade .....	44

5.4.1. Português e Espanhol .....	45
5.4.2. Espanhol .....	49
5.4.3. Português .....	55
6. CONCLUSÃO .....	59
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
7.1. BIBLIOGRAFIA PASSIVA .....	61
7.2. MANUAIS.....	62
7.3. PROGRAMAS .....	62
7.4. SÍTIOS DA INTERNET CONSULTADOS .....	63
ANEXOS.....	64
ANEXO 1 - Imagens de plantas de casas.....	65
ANEXO 2 – Vinhetas: diálogo no consultório médico.....	66
ANEXO 3 – Ficha de Trabalho: Teste sobre as férias .....	67
ANEXO 4 – Exemplo de carta de um pai .....	68
ANEXO 5 – Personalidades e nacionalidades .....	69
ANEXO 6 – Hieróglifos.....	70
ANEXO 7 – Pistas para construir notícias .....	71
ANEXO 8 – Biografia, desenhos e poemas de García Lorca .....	72
ANEXO 9 – Textos de apoio .....	74

## 1. APRESENTAÇÃO

Ao longo de toda a minha vida académica, apercebi-me de que a Comunicação Oral não ocupava um lugar tão destacado como a Comunicação Escrita, uma vez que somos avaliados através da escrita quando realizamos um teste ou um exame. Estas provas avaliativas, que proporcionam momentos de stress e ansiedade podem alterar todo um ano escolar ou semestre. As provas de avaliação escritas são as mais objectivas de avaliar porque há um registo que fica guardado e que pode ser mais facilmente revisto. Ao nível do oral muitas vezes não há registos, uma vez que este é efémero.

Neste sentido, a oralidade, como expressão da palavra falada, é a forma mais natural, elementar e original de produção da linguagem humana. É independente de qualquer outro sistema: existe por si mesma, sem a necessidade de se apoiar noutros elementos. Esta característica diferencia-a da escrita, estrutura secundária e artificial que não existiria se, previamente, não houvesse algum tipo de expressão oral. (Ong, 1987)<sup>1</sup>

Também Ong (1987) refere que há uma consciência de Pré-história relativamente a tudo o que antecedeu o aparecimento da escrita e que, esta, talvez seja considerada um passo evolutivo que levou ao desenvolvimento sócio-económico e político de muitas civilizações, conquistando a ideia de que é completa, perfeita, contrariamente à oralidade que é considerada incompleta, imperfeita.

Esta ideia também é partilhada por Alexandra Álvarez Muro (2001) que descreve a interpretação que se faz da escrita como perfeita e da oralidade como imperfeita:

“Por alguna inexplicable confusión, la escritura toma el lugar del sistema en la mente de algunos investigadores y no se sitúa en el lugar que le corresponde, es decir, como una de las facetas del habla. De modo que, la escritura, por estar despojada de una serie de características que provienen del sonido, como son por ejemplo la entonación, el ritmo, las pausas y otros que forman parte del sistema de la lengua, se interpreta como lo perfecto, y la oralidad es lo imperfecto, problemático y difícil de estudiar.”

Assim, ao longo do percurso da experiência no estágio, reparei que muitos alunos eram muito bons no que diz respeito a provas de avaliação escrita, mas, quando tinham a necessidade de expor oralmente qualquer conteúdo, já se inibiam e sentiam muitas dificuldades. Provavelmente, são beneficiados se a avaliação não tiver em conta a oralidade, ou o contrário, porque também contactei com alunos que eram bons aquando da prática da oralidade e relativamente mais fracos na escrita. Logo, qualquer aluno, para ser

---

<sup>1</sup> Retirado de CIVALLERO, Edgardo, 2009.

muito bom, tem de completar-se em eficiência não só a nível escrito, mas também a nível oral.

Constatou-se, também, que, numa aula de Português ou de Espanhol Iniciação, há uma diferença muito grande relativamente ao espaço dedicado à prática da Comunicação Oral. Esta não é tão praticada numa aula de Português, como numa aula de Espanhol Iniciação. À primeira vista, esta diferença de atenção das duas disciplinas em relação ao oral é compreensível, porque os alunos já adquiriram bastante competência de expressão oral ao longo dos primeiros anos de vida e do seu percurso académico, e, para eles, é inata a competência em Língua Portuguesa. Já em relação ao Espanhol, e sendo uma língua de iniciação, esta tem de ser trabalhada em todas as competências, porque os alunos são levados a apreenderem todas as características da língua não só a nível gramatical, como também fonético, escrito, cultural e lexical.

Mas, pelo facto de saberem falar Português, isso não significa que pratiquem constantemente a competência oral. Mesmo os alunos portugueses que falam português, e embora tenham aprendido a língua de forma natural, necessitam de trabalhar e praticar a competência de oralidade (compreensão e produção). Na experiência deste ano, reparei que não existe, na escola, uma actividade prática corrente e organizada a nível da oralidade, o que proporciona um mal-estar e receio nos alunos, quando têm de produzir algum enunciado oral um pouco mais longo e mais formal, em contexto de sala de aula.

Muitas das vezes, quando trabalhava com os alunos, ou assistia às aulas das orientadoras, pensei: Mas será que os estudantes adquiriram esta competência de uma forma correcta? Como podem melhorar? Se realmente sabem falar bem, porque erram? Porque se inibem de falar numa aula, enquanto, quando estão fora da sala de aula, usam com mais facilidade esta competência? Na aula, estão a falar em público e em contexto formal, muitas vezes sabendo-se alvo de apreciação crítica do docente e, às vezes, dos colegas também.

Tendo em conta os aspectos atrás elencados, tenciona-se que este estudo sirva de algum modo para estimular o ensino e a aprendizagem do Oral, na esperança de que a situação de hoje vá gradualmente melhorar e acreditando que os professores podem fazer muito relativamente a esta matéria.

Foi baseada em todas estas questões que escolhi o tema: “ Oralidade na aula de línguas: desenho de materiais”, porque, apesar de já constar dos Programas das disciplinas de Línguas, não existe nas escolas a “Cultura do Oral”.

## **2. OBJECTIVOS DO ESTUDO**

- (a) Analisar o papel do oral nos programas de Português e Espanhol.
- (b) Promover uma reflexão sobre a necessidade de implementação de uma pedagogia do oral.
- (c) Fazer um levantamento dos principais problemas detectados nas produções orais dos alunos.
- (d) Sugerir estratégias/actividades para o treino do falar na aula de língua materna ou aula de língua estrangeira.

## **3. INTRODUÇÃO TEÓRICA**

### **3.1. Especificações Gerais**

“Com alguma razão se tem dito que este é o século da oralidade. A palavra falada, se perdeu em prestígio retórico, ganhou em poder de comunicação (...) Assim nenhum plano educativo, por mais modesto, pode alhear-se de cuidar da linguagem oral dos seus educandos.”<sup>2</sup>

Nos anos 60, já se sentia uma preocupação quanto ao lugar que o treino da oralidade ocupava numa sala de aula, tal como reflecte a afirmação retirada do Programa do então chamado Ensino Técnico. Através dela, podemos pressentir que esta competência não seria relevante aquando da preparação das aulas por parte dos professores de línguas. As aulas eram bem mais tradicionais e não era permitido ao aluno falar, demonstrar a sua opinião ou argumentar e refutar os conteúdos expostos exaustivamente pelo professor.

Agora, depois de muitos anos, e já num novo século, perguntamos se este pedido de transformação de mentalidades foi contínuo e se se traduz na prática do oral dentro de uma sala de aula, uma vez que esta competência tem de ser aperfeiçoada, porque os alunos não podem falar numa sala de aula como falam em contexto familiar, tal como é referido na citação seguinte:

---

<sup>2</sup> cf. *Programas do Ensino Profissional Industrial e Comercial, Cursos de Formação Comercial*, 1966:13

“Gente nova vive a todo o instante em multidão – desde a da sala de aula à do pátio do recreio. Por isso grita em vez de conversar; e, porque quer ser ouvida onde outros estão gritando, atabalhoa o que diz. É natural que esta prática se radique em hábito; à aula de Português, sobretudo, incumbe corrigi-la. Em grande parte a correcção é indirecta: faz-se pelo exemplo do mestre (...) Mas por outra parte, obtém-se dando relevo a todos os exercícios de expressão oral que na aula se suscitem (recontos, exposições, conferências, entrevistas, jornais falados, representações dramáticas, recitações, debates).”<sup>3</sup>

Segundo esta afirmação, torna-se imperativo que, numa sala de aula, se dê relevo a exercícios de treino da expressão oral, para que os alunos não transfiram para a sala de aula os vícios orais que adquirem enquanto estão juntos num contexto mais informal.

Percebe-se, assim, que esta preocupação pelo treino e aperfeiçoamento do oral não é tema de estudo dos dias de hoje, o que dificulta a transformação e adaptação do ensino às necessidades dos alunos relativamente a esta competência comunicativa.

Neste sentido, falar é uma necessidade comunicativa básica e conduzir uma aula de línguas em que a oralidade está na base da mesma é muito mais do que eleger um tema à sorte e propô-lo aos alunos. No entanto, nas nossas escolas, a expressão oral é abordada de forma pouco sistemática, tal como refere Cecilia Maugeri (2009) “...a la hora de construir y transmitir relatos, muchas veces olvidamos de una herramienta tan importante como la escritura: la oralidad”.

Por causa desta falta de sistematização, o aluno pode sentir que o professor não prepara com seriedade as aulas em que treina a competência oral; simplesmente os surpreende um dia, ao acaso, dizendo: “Hoje falaremos de isto ou daquilo. Que vos parece?” E às vezes remata com “Se não gostarem deste tema podem propor outro” Nenhum professor demonstra tanta liberdade quando se trata, por exemplo, de gramática. Não ouvimos dizer: “Vou explicar o Pretérito Imperfeito, a não ser que gostem mais do Pretérito Perfeito.” Para as aulas de expressão oral, convém o professor não ir de “mãos vazias”; cada aula deve ser conduzida com uma intenção e contar com todo o material pedagógico adequado ao nível e à faixa etária dos alunos. Como para todas as restantes aulas, o docente deve ir com objectivos bem formulados, materiais bem seleccionados, estratégias bem escolhidas e adaptadas aos objectivos e aos alunos. Assim, nas aulas em que se trabalha preferencialmente a expressão oral, o professor deve preparar muito bem todos os passos a dar e tentar sempre motivar os alunos para praticarem esta competência. Logo, terá de criar exercícios/actividades adequadas, não esquecendo que não há temas

---

<sup>3</sup> cf. *Programas do Ensino Profissional Industrial e Comercial, Cursos de Formação Comercial*, 1966:13

bons ou maus, são todos interessantes dependendo do ponto de vista escolhido pelo professor, das estratégias adequadas e da forma como conseguir, ou não, envolver os alunos. O professor tem de criar um bom ambiente na sala de aula, para que não se gerem situações de mal-estar entre os alunos, fazendo com que estes se inibam e, conseqüentemente, não participem activamente nas actividades preparadas, pois, assim, a aula não terá qualquer utilidade didáctica.

As actividades de ensino da linguagem oral exigem que os alunos se apropriem das práticas discursivas da oralidade nas línguas que estão a aprender, quer seja língua materna ou língua estrangeira iniciação. Uma luz de que começa a haver uma preocupação real com a competência oral é a existência de alguns manuais dos professores que já oferecem ajuda aos docentes neste sentido, ampliando as propostas para os alunos, e criando a oportunidade, por vezes, de uma maior reflexão sobre a oralidade, como por exemplo no manual de Espanhol<sup>4</sup> e Português<sup>5</sup>, com o qual trabalhei durante este ano de estágio. Nestes manuais, encontramos, ao longo de todas as unidades didácticas, exercícios de treino do oral que os professores podem adoptar para a sua aula. Estes exercícios variam entre comentar afirmações, comparar documentos, pedir opiniões sobre determinados assuntos, por exemplo em Espanhol:

“¿Cuáles de las costumbres que mencionan en el foro son también propias de tu país? ¿Y cuáles son diferentes? ¿Conoces otras? Coméntalo con tus compañeros.”<sup>6</sup>; em Português: “Antigamente era o êxodo rural. Hoje, no século XXI, buscamos incessantemente melhores condições de vida. Ar puro, água límpida, ingestão de alimentos naturais aparecem como alguns dos interesses prioritários inscritos no cardápio da sobrevivência da espécie humana. Muitos preconizam o retorno definitivo ao seio acolhedor da mãe-Natureza. Alguns já passaram à prática e afirmam-se muito equilibrados e verdadeiramente felizes. O ser humano faz lentamente o seu regresso às origens? Exprime a tua opinião.”. Estes exercícios proporcionam a interacção com os colegas de turma debatendo temas relevantes no âmbito social, no entanto não fornecem instruções quanto à duração da actividade, não dizem se os alunos elaboram um guião antes da actividade ou não e não se sabe como será a avaliação.

Não podemos esquecer que as actividades para praticar a Expressão Oral numa aula de Português não podem ser as mesmas actividades utilizadas para praticar a Expressão

---

<sup>4</sup> BUITRAGO, DÍEZ, DOMINGUÉZ, MARTÍN, NATAL, 2007.

<sup>5</sup> ALVES, MOURA, 2007:118.

<sup>6</sup> BUITRAGO, DÍEZ, DOMINGUÉZ, MARTÍN, NATAL, 2007: 83.

Oral numa aula de Espanhol Iniciação. Os níveis são diferentes e enquanto uma é a língua materna, logo inata, a outra língua é estrangeira e tem de ser aprendida de raiz, não querendo dizer isto que o professor, se assim o entender, não possa adaptar uma actividade de uma língua para a sua aula noutra língua.

No entanto, ainda há um percurso a ser construído, no sentido de efectivar o trabalho da oralidade em sala de aula, como um eixo de ensino da língua portuguesa e espanhola, porque a linguagem oral efectiva-se enquanto conteúdo a ser ensinado e adquire consistência nas propostas pedagógicas e, assim, a Competência do Oral em Língua Portuguesa terá de ser trabalhada de forma distinta da de uma aula de Língua Estrangeira.

Neste sentido, os programas de Português e Espanhol Iniciação exploram esta urgência de uma pedagogia do oral nas escolas e têm contribuído para o seu aprofundamento, criando condições para que os professores levem os seus alunos a praticar mais esta competência comunicativa, tal como referirei no ponto seguinte.

### **3.2. O oral nos programas de Português e Espanhol Iniciação**

Ao longo do ano lectivo 2008/2009, houve um contacto, mais profundo, com os programas das disciplinas em estudo, Português e Espanhol Iniciação.

#### **3.2.1. Programa de Espanhol**

Relativamente ao Espanhol, os Programas de Espanhol Iniciação de 10º ano e de 11º ano<sup>7</sup>, que são a base para esta reflexão crítica, decorrem das opções pedagógicas da *Revisão Curricular no Ensino Secundário: Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos* – do Departamento do Ensino Secundário (2000).

A este Programa subjaz um conceito de língua como instrumento de comunicação, e como forma de representar a realidade. Assim, ao aprender uma língua, não se adquire única e exclusivamente um sistema de signos mas, simultaneamente, os significados culturais que os signos comportam, o modo de interpretar a realidade.

O paradigma metodológico que se escolheu para a elaboração do Programa de Espanhol foi o comunicativo, já que ele privilegia o aluno como centro da aprendizagem, sendo que a competência comunicativa surge como uma macrocompetência que integra as subcompetências – linguística, discursiva, estratégica, sociocultural e sociolinguística.

---

<sup>7</sup> FERNÁNDEZ, S. 2002. 10º ano; FERNÁNDEZ, S. 2002. 11º ano.

De acordo com o *Quadro Europeu Comum de Referência*<sup>8</sup>, propicia-se uma metodologia orientada para a acção, estimulando a realização de tarefas significativas que levem à utilização da língua em situações autênticas. Estas tarefas centram-se na resolução de problemas valorizando os processos e as atitudes, conduzindo a construção de aprendizagens significativas tanto no desempenho da competência comunicativa como na apropriação dos recursos linguísticos, além de atribuírem um papel central à avaliação formativa e à autoavaliação, integradas no processo de aprendizagem.

Após uma análise breve do programa acima referido, constata-se que, em relação às competências comunicativas, este está relacionado com o objectivo básico de desenvolvimento das competências de compreensão e expressão tanto orais como escritas, descrevendo-se, ao longo do programa, as actividades necessárias, seguindo o *Quadro Europeu Comum de Referência*, as estratégias e as atitudes que possibilitam atingir a competência esperada.

Os objectivos de aprendizagem para a disciplina de Espanhol relativamente à expressão oral são as seguintes:

10º ano (Sonsalez Fernández, 2002: 33)

“- *Participar, de forma compreensível, em diálogos relacionados com situações de comunicações habituais em situações escolares, usando as expressões mais frequentes da comunicação em sociedade.*

- *Falar de actividades quotidianas e da realidade circundante. Expressar interesses e gostos.*

- *Utilizar estratégias de comunicação para suprir as carências linguísticas.”*

11º ano (Sonsalez Fernández, 2002: 3)

“ - *Participar, de forma compreensível, em diálogos relacionados com situações de comunicações habituais em situações escolares, usando as expressões mais frequentes da comunicação em sociedade.*

- *Falar de actividades quotidianas presentes, passadas ou futuras e expressar interesses e gostos.*

---

<sup>8</sup> Retirado de: [Http://sitio.dgidec.min-edu.pt/linguas\\_estrangeras/Paginas/QEQR.aspx](http://sitio.dgidec.min-edu.pt/linguas_estrangeras/Paginas/QEQR.aspx).

- *Fazer uma breve exposição sobre um tema familiar e responder às questões relacionadas com esse tema.*

- *Utilizar estratégias de comunicação para suprir as carências linguísticas.*”

Analisando estes objectivos específicos dos Programas, já referidos acima, podemos dizer que neles se encontra uma necessidade de proporcionar ao aluno uma prática constante do discurso em contexto real, como se de nativos se tratasse. Estes objectivos ajudam o professor a preparar o aluno para uma situação real em que este terá de comunicar espontaneamente com nativos sobre aspectos da sociedade em geral.

Acresce referir que estes programas não se apresentam apenas como um conjunto de conteúdos a apreender, mas antes pretendem ser um instrumento regulador da prática educativa, contendo flexibilidade e abertura que permitam corresponder às necessidades e interesses dos alunos e às condições em que decorra a prática pedagógica.

### **3.2.2. Programa de Português**

Relativamente ao Português, o Programa<sup>9</sup> pretende ser um instrumento regulador do ensino-aprendizagem da língua portuguesa nas componentes *Compreensão Oral, Expressão Oral, Expressão Escrita, Leitura e Funcionamento da Língua*, instituídas como competências nucleares desta disciplina, concedendo particular importância à reflexão sobre a estrutura e funcionamento da língua, proporcionando a aprendizagem e a sistematização de conhecimentos e o desenvolvimento de uma consciência metalinguística.

Espera-se que o aprofundamento das estratégias de recepção e produção dos textos orais permita aos jovens do Ensino Secundário um domínio mais completo e consciente do sistema linguístico de que são utilizadores. No que se refere à expressão oral, o programa, através dos objectivos e conteúdos enunciados, pretende evidenciar alguns pressupostos que permitam a prática de uma eficaz e adequada interacção verbal.

Quanto à Expressão Oral, este programa estabelece como algumas principais finalidades e objectivos as seguintes:

*“Assegurar o desenvolvimento das competências de compreensão e expressão em língua materna;”*

---

<sup>9</sup> SEIXAS, PASCOAL, COELHO, CAMPOS, GROSSO, LOUREIRO, 2002: 6/7.

*“Desenvolver a competência de comunicação, aliando o uso funcional ao conhecimento reflexivo sobre a língua;”*

*“Assegurar o desenvolvimento do raciocínio verbal e da reflexão, através do conhecimento progressivo das potencialidades da língua;”*

*“Contribuir para a formação do sujeito, promovendo valores de autonomia, de responsabilidade, de espírito crítico, através da participação em práticas de línguas adequadas;”*

*“Expressar-se oralmente e por escrito com coerência, de acordo com as finalidades e situações de comunicação;”*

Estes conteúdos demonstram que os alunos devem ser instruídos e preparados para falarem o Português de uma forma coerente e sempre com uma vertente reflexiva, favorecendo a autonomia do aluno aquando da sua expressão na língua materna. O aluno tem de saber o que diz, e porque diz de uma forma e não de outra. Só assim o discente será um falante autónomo e crítico e só assim poderá participar numa situação real sem sentir problemas ou dificuldades enquanto comunica, levando-o esta destreza comunicativa a saber viver bem consigo e com os outros.

Além dos objectivos e finalidades que guiam o professor para uma melhor preparação das aulas, também encontramos, nos Programas, os processos de operacionalização das competências. Estes processos de operacionalização consistem na forma de efectivar os objectivos que são propostos para a prática de cada competência. Através deles, o professor consegue racionalizar cada objectivo, transformando-o em situações que poderá explorar em sala de aula. Quanto a este item, que encontramos no Programa de Português (2002, 10), podemos exemplificar com alguns dos processos da expressão oral:

- *“Utilizar diferentes registos de língua consoante a situação;”*
- *“Intervir oportunamente;”*
- *“Expressar sentimentos e emoções;”*
- *“Relatar acontecimentos e episódios;”*
- *“Descrever acções e objectos;”*
- *“Expor ideias;”*
- *“Expressar e defender opiniões;”*
- *“Trocar e confrontar opiniões;”*
- *“Discutir e argumentar.”*

Como se pode verificar, estes processos de operacionalização da expressão oral motivam o aluno a reflectir e a exprimir as suas ideias e opiniões, portanto, mais uma vez,

impera a promoção da autonomia, responsabilidade e capacidade crítica do aluno como indivíduo que faz parte de uma sociedade.

O domínio da oralidade é uma competência transversal que deve permitir ao aluno a sua afirmação pessoal e a sua integração numa comunidade, ora como locutor eficaz, ora como interlocutor. Estes objectivos/processos do programa revelam a preocupação de preparar cidadãos que se exprimam correctamente na língua materna.

Assim, neste Programa, encontramos a indicação de que, numa aula de língua deverão existir espaços de interacção verbal, através de diálogos, discussões e debates, imperativos para a formação de cidadãos livres, emancipados, responsáveis e auto-determinados.

Segundo o Programa, a comunicação oral constitui uma competência transversal do currículo, já que o seu uso se torna necessário em todas ou quase todas as disciplinas que frequentamos ao longo do nosso percurso como alunos, uma vez que comunicamos em Português.

A instituição deve, pois, fornecer ao aluno os conhecimentos instrumentais exigidos pela vida escolar (relatos, exposições, diálogos, debates) social e profissional (entrevistas para um emprego, conferências, ...).

Podemos, então, concluir que nestes Programas, quer de Espanhol Iniciação quer de Português, se nota uma maior preocupação em trabalhar a Expressão Oral comparativamente a programas homologados em anos anteriores. Esta preocupação deve-se ao facto de haver uma necessidade de preparar os alunos não só para serem alunos com capacidades cognitivas desenvolvidas, como também com capacidades comunicativas e capazes de expressar-se correctamente na língua materna.

## **4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO ORAL**

### **4.1. Dificuldades elencadas**

Ao longo do ano de estágio, vi-me confrontada com várias situações que envolviam o tema do meu relatório: a prática da oralidade. No entanto, não foram, na minha opinião, as vezes suficientes para que os alunos pudessem praticar com a insistência desta competência. Não havia um trabalho sistemático sobre a oralidade na sala de aula, e muitas das vezes os alunos não participavam espontaneamente. Quando pressionados a participar, demonstravam relutância em produzir enunciados orais, talvez por medo de errar, receio de

dizer disparates e de serem posterior motivo de troça por parte dos colegas. Os alunos não se expõem normalmente perante a turma, mantêm-se fechados dentro das suas cápsulas e muito raramente exteriorizam o que pensam, isto é, não se aventuram, não divagam oralmente, não se exprimem com facilidade.

Nas aulas de Português, durante o estudo da Poesia, os alunos não exteriorizavam os sentimentos por vezes contraditórios que iam sentindo ao longo da análise das composições poéticas. Se lhes era perguntado algo, ou não respondiam, ou respondiam em tom baixo e receoso, ou respondiam e participavam, mas eram imediatamente alvo das palavras azedas de alguns colegas de turma. Muito raramente se lançavam sem rede de protecção. Para além da natural inibição em tomar a palavra, este tema concreto talvez dificulte, mais do que outros, a intervenção oral espontânea dos adolescentes.

Nas aulas de Espanhol, os alunos já participavam, mas raramente era uma participação ordenada, não ouviam os colegas de turma, não era de todo uma participação reflectida. Muitas das vezes, misturavam o Português com o Espanhol, usando a primeira língua como escape para a falta de vocabulário que exibiam na língua estrangeira. Era uma turma muito conflituosa e difícil de acalmar, logo, trabalhar a expressão oral era um tormento, não só porque os alunos não estavam motivados para tal, como também não viam consequências positivas em praticarem a oralidade.

No entanto, através de muito esforço, consegui motivá-los para esta forma de expressão e, quase no final do ano lectivo, houve melhorias neste sentido, o que pode deixar concluir que um trabalho sistemático com a oralidade poderia vir, a longo ou médio prazo, a dar os seus frutos. De qualquer forma, não posso deixar de realçar a pouca predisposição dos alunos para estas actividades de produção de textos orais, porque não foram habituados a tal, e pensam que estas tarefas não servem para nada.

Estes alunos não têm bases bem vincadas nesta competência de comunicação e por isso mostram sempre tanta frustração quando lhes é proposto este tipo de actividades. Muitos deles acham que as aulas em que se fazem actividades de exposição oral servem para se divertirem e não as levam a sério. Tudo isto porque estes alunos não sabem fazer exposições orais, não reflectem sobre o que dizem, e a forma como comunicam fora da sala de aula é a mesma que utilizam em contexto de sala de aula, porque nunca lhes foi explicado que o registo se deve adaptar ao contexto, às finalidades e aos destinatários da mensagem, e também não podemos esquecer que a escolha do tema que deve interessar-lhes para que, assim, seja mais motivadora a interacção oral.

É nesta direcção que os professores precisam de trabalhar. Os alunos têm de entender que a vida privada e a escola são contextos diferentes, que a exposição oral os acompanhará para sempre e que muitas das vezes o futuro deles dependerá das destrezas de oralidade reveladas e do modo como falam. Por isso, temos de criar uma Cultura da Oralidade nas salas de aula e ninguém melhor que os professores de línguas para exercitarem com os seus alunos todas as questões relacionadas com a Expressão Oral.

Mas, os alunos estão motivados para este treino do oral? O aluno sabe em que consiste a oralidade? Reconhece-se, hoje em dia, esta importância por parte dos professores e alunos?

A aprendizagem de idiomas sempre fez parte do currículo educativo dos alunos, sempre foi fundamental saber comunicar noutras línguas, para que não ficássemos isolados e em silêncio com o mundo. Assim, desde novas as crianças aprendem a falar outras línguas. Em Portugal, já se ensinam algumas palavras básicas ou expressões de Inglês na Pré-Primária, seguindo esta aprendizagem para a Primária em que os meninos já contactam com outras palavras e expressões mais complexas, culminando no 2º Ciclo do Ensino Básico com a aprendizagem já mais completa e aprofundada da língua. No 3º Ciclo do Ensino Básico, os alunos têm ao seu dispor a possibilidade de aprender uma nova língua estrangeira: Francês, Alemão ou, mais recentemente, o Espanhol, podendo ainda, no 10º ano do Ensino Secundário, escolher Espanhol se optaram pelo Francês no 7º ano. Ao longo do seu currículo educativo, o aluno tem ao seu dispor a possibilidade de aprender línguas estrangeiras e também de aprender mais e melhorar a língua materna, o Português.

Esta aprendizagem divide-se em quatro domínios: Comunicação Oral, Leitura, Escrita e Funcionamento da Língua, quer seja em língua materna ou língua estrangeira.

A Língua Portuguesa, língua materna, não deixa de ser objecto de aprendizagem e aperfeiçoamento, uma vez que será nesta língua que melhor nos vamos expressar, não só na nossa vida privada como também pública. A Língua Estrangeira terá de ser alvo de uma aprendizagem mais extensiva, porque o aluno terá de aprender tudo sobre esta nova língua.

O aluno que inicia a aprendizagem de uma língua estrangeira passa a dispor de um poderoso meio de desenvolvimento pessoal, de integração social, de aquisição cultural e de comunicação. A capacidade de comunicar numa língua estrangeira e o conhecimento da mesma proporcionam uma melhor compreensão da língua materna, uma vez que se promove a reflexão sobre o funcionamento de ambas. Um dos objectivos da aprendizagem de línguas será sempre a formação para a cidadania democrática, por se desenvolverem

capacidades de comunicação e por ela fomentar o diálogo intercultural, valorizando o outro, o respeito e a cooperação.

Por isso, cada vez mais, há um interesse europeu de equiparar os níveis de domínio das línguas. Para facilitar os intercâmbios de estudantes dentro da Comunidade Europeia, lançou-se uma correspondência com os níveis definidos pelo Conselho da Europa no citado *Quadro Europeu Comum de Referência*<sup>10</sup>: A- Utilizador elementar, B- Utilizar independente, C- Utilizador experimentado. Cada um destes níveis, de acordo com as diferentes realidades, pode exigir uma maior subdivisão. Estes níveis, que regulam a aprendizagem das línguas, transmitem a preocupação de uniformizar as aprendizagens para que seja mais fácil a mobilidade de indivíduos de diferentes nacionalidades, e consequentemente de diferentes línguas, dentro do mesmo espaço.

A aprendizagem de línguas próximas, como é o caso da aprendizagem de Espanhol por alunos lusófonos, é um factor de facilitação que estimula a motivação e o sucesso, não só pelas características das duas línguas, como pela proximidade geográfica, que permite os contínuos contactos socioculturais, tão importantes na aquisição de uma língua. No entanto, esta facilidade converte-se em dificuldade quando o aluno não se apercebe das diferenças entre as línguas. É necessário trabalhar e reflectir sobre as diferenças e semelhanças, assim como fomentar estratégias pessoais de aprendizagem que favoreçam a superação das inevitáveis interferências, especialmente na produção.

Neste sentido, a palavra falada foi desde sempre um meio de transferência de informação e de contacto pessoal e da sua prática continuada depende a sobrevivência dos laços sociais, estruturas emocionais e recordações que cimentam a vida própria de muitos seres humanos.

Partindo do princípio de que a comunicação é a meta final de qualquer aluno que aprende línguas, o professor deve levar o aluno a comunicar na língua que aprende, quer seja estrangeira ou materna, realizando tarefas e criando situações de comunicação tão autênticas quanto possível, para assim o aluno estar inserido na realidade, não só linguística como também cultural da língua que aprende.

Michael Stubbs<sup>11</sup> refere que “o diálogo na sala de aula entre professores e alunos é o processo educativo”, mas isto não significa que a palavra falada seja, normalmente, um objecto de estudo. Por isso, é importante criar actividades de comunicação real. Para

---

<sup>10</sup> Citado no ponto 3.2.1.

<sup>11</sup> FERNANDES, Hilário Sousa, 2006.

compreender e aprender uma língua estrangeira ou aperfeiçoar a língua materna é primordial que o aluno seja exposto à língua de uma forma tão ampla e variada quanto possível, para poder elaborar hipóteses de sentido que irá verificando, mediante a interacção que tem com o professor, alunos e nativos.

O primeiro tipo de interacção oral que ocorre na aula caracteriza-se por ser uma estrutura muito rígida em que o professor inicia o discurso, frequentemente com uma pergunta, os alunos respondem e o professor comenta a resposta. Esta interacção básica é muito limitada e é diferente da interacção que ocorre no mundo fora da sala de aula. O trabalho de pares e de grupo rompe esta estrutura e permite aos alunos falarem mais tempo e de forma mais autêntica. Aos alunos devem oferecer-se muitas oportunidades para manter uma interacção oral que se pareça o mais possível com a que ocorre entre os falantes de línguas.

O domínio do oral numa sala de aula está dividido em três vertentes diferentes: expressão verbal em interacção (ouvir/falar), compreensão de enunciados orais e a comunicação oral regulada por técnicas. Ao longo deste ano de estágio, constatou-se que a comunicação oral regulada por técnicas deveria ter mais espaço na sala de aula, porque as exigentes técnicas de comunicação que podemos encontrar em géneros discursivos como o diálogo, a entrevista, a exposição e o debate e que necessitam de treino podem permitir que os alunos se familiarizem com eles e que mais amplamente desenvolvam a sua competência de comunicação. Algumas destas técnicas podem ser: dramatizar narrativas, completar ou modificar histórias, improvisar situações do quotidiano ou simplesmente imaginá-las, entre muitas outras.

O relatório *Português 2002- Relatório Preliminar* da Associação de Professores de Português (APP) pode levar a que parte da comunidade com responsabilidades na educação dos cidadãos portugueses reflecta sobre as lacunas quanto ao treino da oralidade nas aulas de Português e sobre a reduzida preparação dos alunos que mais tarde sentirão dificuldades de expressão oral. Uma causa para esta preparação superficial tem a ver com o facto de que, tal como refere o relatório acima dito, “Mais de metade dos professores acredita que a oralidade não constitui problema para os seus alunos.” (Português 2002- Relatório Preliminar da Associação de Professores de Português. 50)

Será a oralidade um problema para os professores e alunos? Ramal, A. C.<sup>12</sup> (1998) afirma o seguinte relativamente a esta questão:

---

<sup>12</sup> Retirado de: <http://www.idprojectoseduccionais.com.br/artigos>

“O professor bem preparado será o grande articulador do processo, aquele que irá instigando o aluno a se aproximar dos novos conhecimentos, que o ajudará a se desinibir, a questionar. Uma postura despojada, de simplicidade e de abertura para o diálogo, será decisiva para que o aluno ganhe maior auto-confiança. Comentar e sugerir, mais do que corrigir. Dialogar, mais do que mandar. Ouvir, mais do que falar. Levar à construção. Ser um parceiro de uma aprendizagem em que ambos são sujeitos que, no próprio sentido da expressão, têm vez e voz.”

Portanto, não se pode encarar a oralidade como um problema, mas como uma competência comunicativa que pode modificar o aluno, porque aperfeiçoa a sua autonomia, levando a uma construção de saberes baseada na parceria de troca de conhecimento entre professor e aluno. O professor apoia o aluno ao longo da sua formação, dando-lhe oportunidade para crescer como cidadão.

No entanto, durante o ano de estágio, constatou-se que o treino do oral é quase inexistente como treino propriamente dito. Não sei se o problema está nos professores, nas escolas, na motivação ou nas dificuldades de os alunos entenderem que a língua que falam em casa pode ser diferente da língua-padrão que se fala em contextos formais. Um professor de Português, de Línguas Estrangeiras ou de outras disciplinas deve conhecer e utilizar correctamente a sua língua para que possa servir de modelo a seguir pelos alunos, e assim eles se aperceberem de que não podem transpor para a sala de aula ou qualquer contexto formal uma linguagem informal como a que mantêm em contexto familiar.

Yaritz Tardo Fernández (2005) explica que existem três conceitos inseparáveis de uma perspectiva didáctica da oralidade: a responsabilidade, a motivação e a reflexão. O aluno deve assumir a responsabilidade do seu próprio processo, a motivação por exercer a comunicação tem de vir sempre de um ponto de interesse dos alunos e só mediante um processo de reflexão contínua e em conjunto com o professor, o aluno favorecerá de uma actuação estratégica e competente. Esta reflexão permite ao aluno converter-se no seu próprio crítico e avaliar todo o processo. Por isso, há que oferecer-lhe espaços lectivos que aumentem as possibilidades para que ganhe controlo sobre a língua que estuda e exerça a sua autonomia. Assim, o professor tem de estimular o desenvolvimento da motivação, da auto-estima e as capacidades comunicativas, a partir da criação de um clima favorável e uma atmosfera de confiança e de comunicação.

Pressentimos que o treino desta competência é uma questão que ainda está por resolver no nosso ensino, por isso, Hilário Fernandes Sousa (2006) detém-se na análise de algumas orientações oficiais em vigor no ensino do Português, olhando com particular atenção as questões da oralidade. Busca fundamentos que possibilitem a construção de um

programa de intervenção pedagógica analisando, criticamente, um conjunto de textos relevantes para a elaboração de uma didáctica do oral.

Após uma investigação muito rigorosa, o autor percebeu que as práticas de observação e avaliação formativa das aprendizagens orais têm sido praticamente nulas no ensino da Língua Portuguesa e Português.

Isto explica que a maior parte dos docentes actue como se as capacidades de uso da linguagem oral por parte dos alunos já estivessem garantidas, monopolizando quase completamente o discurso. A exposição oral não está dissociada de algumas das visíveis limitações que no quotidiano os alunos manifestam, tanto nas aulas como fora delas. São disso exemplo problemas que têm a ver com a falta de fluidez e correcção, a pobreza lexical, a incapacidade para realizarem em público uma intervenção porque não dominam uma série de destrezas relacionadas com a argumentação.

Assim, pode-se concluir que este *não saber usar a língua* está relacionado com o desprestígio pedagógico da comunicação oral, justificável pela ausência de metodologias de trabalho objectivamente orientadas para a melhoria dos índices de oralidade dos discentes. Com esta orientação acentua-se, por um lado, a relevância do tratamento pedagógico do oral, por outro, procura responder-se à falta de estratégias específicas para o ensino da oralidade.

Por isso há uma necessidade de perceber o que nós, como professores, podemos ensinar como oral e como se deve ensinar o oral, esquematizando todas as componentes que integram uma exposição oral, tal como será referenciado no ponto seguinte.

Neste ponto faz-se uma reflexão rápida sobre o que é a oralidade para, assim, entendermos o que podemos alterar nas nossas aulas de línguas.

#### **4.2. Comunicação Oral: enquadramento teórico**

As dificuldades que foram expostas no ponto anterior são o resultado de uma experiência real com alunos que não estão preparados para o treino da oralidade. Esta falta de interesse por parte deles reflecte a inexistência de conhecimentos sobre o que é a comunicação oral, e em que consiste.

Colocada a questão sobre como definem a comunicação oral, os alunos<sup>13</sup> dizem “que é falar em monólogos ou diálogos”, defendendo a ideia de que “a oralidade é as palavras que se falam, ou ouvem de outras pessoas”. Através destas ideias, podemos

---

<sup>13</sup> Alunos das turmas de Português e Espanhol onde realizei as minhas aulas do estágio.

desvendar qual a interpretação que eles dão à expressão oral, sendo esta, para eles, uma simples forma de expressarem o que pensam e que não precisam de aperfeiçoar porque “desde pequenos que sabem falar”.

Neste ponto, tenta-se definir o que é a Comunicação Oral, qual a importância que esta possui e as condições existentes para aperfeiçoá-la, porque

“ En una de las disertaciones de K'ung Fu-tzu, el maestro chino K'ung, que vivió entre los siglos VI y V antes de Cristo y que en Europa desde el Renacimiento se conoce con el nombre de Confucio, se lee lo siguiente: «Quisiera no hablar. [...] ¿Habla acaso el cielo alguna vez? Las cuatro estaciones siguen su curso y cien seres nacen. ¿Habla acaso el cielo alguna vez?»

Podemos quedar extasiados ante la profundidad de este pensamiento. Pero sólo lo conocemos porque alguien lo ha escrito. Y el sabio K'ung lo ha podido formular porque tenía las palabras a su disposición. Sin palabras nadie es nada; ni sabio, ni poeta, ni proverbio alguno podría elogiar el silencio” (De Mauro, 1980: 16)<sup>14</sup>

Sem palavras ninguém é nada, nem sábio, nem poeta, nem provérbio algum podia elogiar o silêncio. Esta pequena afirmação de Tullio de Mauro (1980) em *Guía para el uso de la palabra*, encarna uma grande e incontestável verdade. Sem a palavra e sem a comunicação ninguém sobrevive, estas fazem-nos pertencer a uma sociedade.

O complexo sistema de comunicação e de representação dessa sociedade materializa-se através dos meios oral e escrito.

A comunicação oral é natural, fazendo parte da substância do ser humano, construindo a pessoa como membro de uma espécie que se insere numa sociedade. Barrera e Fracca (1999)<sup>15</sup> referem que a expressão oral apresenta elementos que enriquecem e complementam o que o falante diz: actos, gestos, sons, silêncios, vacilações. Este tipo de comunicação produz-se através de alguns órgãos e partes do corpo, como por exemplo: lábios, língua, dentes, faringe, cordas vocais, entre outros, podendo sublinhar esta importância referindo que se utiliza em muitos idiomas a palavra *língua* para denominar a materialização desse instrumento de representação do mundo e de comunicação que é a linguagem humana. Também não podemos esquecer as expressões faciais e outros movimentos corporais que complementam a comunicação oral.

A competência de comunicação oral, quer seja na produção ou no reconhecimento da palavra falada, assume, nas nossas sociedades, uma importância crescente. A possibilidade de se processar de forma adequada a informação transmitida através do modo

---

<sup>14</sup> Fonte: Blancafort & Valls, 2002: 27.

<sup>15</sup> Adaptado de CIVALLERO, Edgardo, 2009.

oral, por meio de estratégias adequadas, constitui hoje um factor relevante na construção de cidadãos.

No entanto, nem todas as manifestações comunicativas orais são «naturais», na perspectiva acima referida. Um discurso inaugural, uma conferência, uma apresentação ou entrevista profissional são situações em que esta manifestação comunicativa oral requer um alto grau de preparação, elaboração e, muitas vezes apoio por parte da escrita, como por exemplo: preparação de um esquema prévio, notas, guiões, etc. Dominar estas formas de falar não é simples, e por isso o desenvolvimento desta competência comunicativa oral faz parte da educação, e não só de agora, já que sempre foi vista como uma disciplina para o ser humano como cidadão do mundo, tal como expressa um professor no Relatório Preliminar da Associação de Professores de Português<sup>16</sup>:

“[...] dou especial atenção à oralidade porque no dia-a-dia muitos dos nossos alunos vão sair aqui da escola (...) para conseguirem qualquer emprego, por mais simples que seja, seja para trabalharem atrás de um balcão, precisam de comunicar acima de tudo, e conversarem com outras pessoas e entenderem-se, enfim... a oralidade é o que me preocupa a mim enquanto cidadão.”

A importância da Oralidade não é uma realidade só dos dias de hoje. Na Antiguidade Clássica, a Retórica e a Oratória eram já disciplinas exigentes e importantes para o ciclo de estudos dos cidadãos. Nesta época, para se ser um verdadeiro cidadão, os homens tinham de dominar estas artes do oral.

A Oralidade é vista, tal como na citação anterior, como uma função social, por exemplo, serve para dar ou pedir informações permitindo, assim, as relações sociais. É, geralmente, através da palavra «dita» que iniciamos e mantemos as relações com os outros, por isso quando dizemos que «deixamos de falar com alguém» quer dizer que rompemos relações com essa pessoa. A fala é em si mesma uma acção que nos faz ser seres sociais diferentes das outras espécies animais; a fala capacita-nos para levar a cabo a maioria das nossas actividades quotidianas, desde as mais simples, como por exemplo marcar uma consulta ou ir a um restaurante, até as mais complexas, como por exemplo ir a uma entrevista de emprego ou expor uma teoria perante um auditório.

Neste sentido, não podemos existir como cidadãos se não dominamos o Oral, porque:

---

<sup>16</sup> Opinião de um professor inserido em *Português 2002 – Relatório Preliminar* da Associação de Professores de Português, 53.

“Mientras podemos conversar, mantenemos el contacto con el mundo; el silencio prolongado es un castigo, un síntoma de «locura» ... o una forma de entrega y renuncia considerada excelsa y superior, como sucede en determinadas órdenes religiosas.” (Tusón, 1995:11-12).<sup>17</sup>

Esta citação revela a necessidade que o ser humano tem de contactar com o mundo exterior, quebrar o silêncio e falar, porque quem não quer contactar ou outros e quer isolar-se simplesmente não fala. A oralidade é, assim, um feito social que permite a aquisição de costumes, crenças e histórias, relacionamentos com outras pessoas e grupos e a transmissão de experiências e saberes.

A oralidade exerce uma função social, como referi acima, e inserida nesta função social encaixa-se, não só na vida privada, mas também na vida pública, religiosa, institucional ou política, que não se conseguem dissociar da palavra «dita».

Quanto mais livre e democrática for uma sociedade, mais lugar nela ocupa a fala ou a palavra «dita» no entanto, não podemos esquecer os regimes totalitários, que ainda existem, em que o direito à palavra e a discussão aberta ao público são negados aos cidadãos, sendo eles muitas das vezes perseguidos, oprimidos e julgados pelo que dizem.

Também a oralidade pode ter funções lúdicas, e exemplo dessa função são os contos tradicionais, as canções, os mitos, os provérbios, as anedotas e as lendas, não esquecendo o teatro e o cinema, que através dos seus enredos contam histórias da vida real e assim, ajudam a conversar e viver em sociedade, tal como expõe Tovar, J. J. B., (1995) na citação seguinte:

“[...] la primera función de la oralidad no es comunicar algo, sino ponerse en contacto con alguien y a partir de ahí construir un mundo en común. El tipo de discurso que corresponde genuinamente a esta situación es el diálogo y su manifestación más directa es la lengua conversacional porque en ella concurren en plenitud todos los rasgos de la oralidad.”

Falar não é só comunicar informações. Segundo Tovar, é pôr-se em contacto, aproximar-se do outro, e pode-se compreender que quando alguém fala na sua língua materna, a comunicação oral torna-se mais acessível e mais espontânea, facilitando, assim, o contacto com a sociedade em que se está inserido.

Mas, quando fazemos uma viagem ou contactamos com pessoas que falem outra língua materna, já se torna mais complexo todo este fácil modo de comunicação. Os signos

---

<sup>17</sup> BLANCAFORT & VALLS, 2002: 29.

linguísticos diferem daqueles que sempre utilizamos e de que nos fomos apropriando. Por isso, quando tentamos comunicar com pessoas que usam um idioma distinto do nosso, a comunicação não se processa e gera-se o silêncio, deixamos de ter o dom especial que nos faz ser estes seres tão especiais.

Um dos aspectos em que a comunicação oral difere de língua para língua é a gesticulação que acompanha as nossas palavras. Com efeito, um nórdico não “fala” com as mãos como um latino, como é do conhecimento geral. Assim, teremos de ter em conta, na competência oral, a competência paraverbal.

### 4.3. Componente paraverbal de uma exposição oral

“Para se fazer escutar, é preciso, primeiramente, fazer-se entender; uma voz muito débil exige do auditório um tal esforço de atenção que a pouco e pouco deixa de ser escutada. Do mesmo modo, uma voz muito forte, que pode até provocar no início da intervenção um efeito surpresa, acaba por cansar o auditório” (Charles e William, 1994: 4)<sup>18</sup>

Quando nos referimos à oralidade, há que sublinhar que o tempo de reacção entre locutor e interlocutor é muito reduzido para que possamos organizar o pensamento e para que o discurso produzido seja um texto coeso e coerente, que as palavras sejam as mais correctas e bem articuladas. A expressão oral improvisa-se e planifica-se enquanto se emite, e não está sujeita a uma revisão prévia, por isso a comunicação oral é fugaz, espontânea e imediata, tal como Edgardo Civalero (2009) citou no seu artigo reproduzindo uma expressão de Brown y Yule (1993):

“[El hablante] tiene que controlar lo que acaba de decir y determinar si concuerda con sus intenciones, al mismo tiempo que enuncia la expresión en curso, la controla e plantea simultáneamente su siguiente enunciado para ajustarlo al patrón general de lo que quiere decir, mientras vigila, además, no sólo, su propia actuación, sino su recepción por parte del oyente. No posee un registro permanente de lo que ha dicho antes, y sólo en circunstancias especiales puede tener notas que le recuerden lo que va a decir a continuación”.

Consequência deste curto espaço de tempo para processar o discurso são as “incorecções” que caracterizam a linguagem oral (frases inacabadas, interrupção do pensamento, repetições, ...). No entanto, estas aparentes “incorecções” podem ser supridas, porque a linguagem oral é acompanhada por elementos paralinguísticos (ritmo, tom de voz, gestos, expressões faciais, ...).

---

<sup>18</sup> Fonte: FERNANDES, Hilário Sousa, 2006: 52.

Por isso, no treino do oral em contexto didáctico, deve haver espaço para uma construção de saberes em que o aluno assuma um papel principal relativamente ao do professor e deixe de lado a posição passiva a que sempre foi exposto. O que se esperava do aluno sempre foi limitado à resposta à pergunta ou então ao silêncio, o que não deixa prever nada de positivo no seu processo de aprendizagem. Logo, os professores e os alunos têm de participar em situações comunicantes em que o segundo aprenda a expor as suas ideias e não a calar-se e a desvalorizar o acto de falar.

Numa sala de aula, verifica-se um grande silêncio por parte dos alunos, e quando respondem a questões do docente optam por participar de forma colectiva e não individualizada, como deveria ser. Ao optarem por esta participação colectiva, escondem-se e tornam-se simplesmente ouvintes do professor, não argumentando, nem expondo a sua própria opinião ou dúvidas.

Hilário Sousa Fernandes (2006: 91) diz que existem três componentes de exposição oral, subdividindo-se esta em “*indicadores de cariz paraverbal: ritmo, volume da voz, articulação e entoação; não-verbal: gesticulação, olhar e postura de corpo; discursivo: discurso...*”.

#### **4.3.1. Ritmo, volume da voz, articulação e entoação**

As variantes que se produzem quando emitimos mensagens são componentes muito importantes para construir o sentido do texto. Daí, “(...) a importância de se observar a incidência na comunicação de elementos como a articulação, o volume da voz, a entoação e o ritmo.” (Fernandes, 2006: 91).

A *articulação* do discurso deve ser nítida e não confusa. É um objectivo primordial para que os ouvintes compreendam a mensagem que é emitida, daí que a dicção deva ser transparente para que exista uma qualidade acústica na exposição oral.

O *volume da voz* é controlável, por isso um emissor deve adequar este elemento baixando-o ou amplificando-o consoante a situação comunicativa em que se encontra.

A *entoação* transfere sentido para a produção oral, acentuando o que deve ser revelado, enfatizando palavras ou frases para as quais o emissor quer chamar a atenção, podendo, nós, intitulá-la enfática ou expressiva.

O *ritmo* torna a palavra mais expressiva e chama a atenção dos ouvintes, desacelerando-se ou intensificando-se de acordo com os momentos do discurso em que o emissor se encontra.

### 4.3.2. Postura do corpo, olhar e gesticulação

Estes códigos não-verbais são utilizados com intenções comunicativas várias e as mensagens que com eles são transmitidas são paralelas às da linguagem natural. Muitas das vezes podem reforçá-las ou substituí-las, pois funcionam como uma linguagem dinâmica, constituída por uma grande variedade de sinais, tal como elenca Hilário Sousa Fernandes (2006):

A *gesticulação* acompanha a expressão oral, complementando-a. Se o discurso for natural e espontâneo, a gesticulação possui as mesmas características, não sendo forçada. Mas, a espontaneidade não exclui o controlo gestual, não devendo o gesto cair no excesso ou, por oposição, ser pobre.

O *olhar* é também muito relevante numa exposição oral. Quando fala em sala de aula, importa que o aluno se coloque de pé diante da turma e dirija o olhar para todo o auditório, tentando perceber as suas reacções. Desta forma, a exposição oral torna-se mais interessante contribuindo para uma boa atmosfera comunicativa, logo, não se deve centralizar a atenção num só local ou olhar constantemente para os papéis.

A *postura* diante de um auditório terá de ser intimista e movimentada, mas não em excesso. É fundamental não adoptar uma postura tímida, rígida e estática. Durante a intervenção, o emissor não deve baixar a cabeça, colocar as mãos atrás ou à frente do corpo e, muito menos colocá-las nos bolsos. Deve ser natural.

### 4.3.3. Discurso

“Na expressão oral, a correcção e a fluidez formam uma união indissociável, é como uma espécie de balança de pesos que se desequilibra quando um lado pesa mais” [Cassany et al. (1994)]

Esta curta comparação resume esta variante da exposição oral, porque o discurso oral deve equilibrar-se entre a correcção da fala e a fluidez expressiva.

Assim, o discurso não é fluido, contínuo, se apresenta pausas excessivamente evidentes, longas e despropositadas; se ostenta demasiados bordões linguísticos como por exemplo “quer dizer”, “pronto”, “bem”. Também a velocidade, ritmo, segurança e conexão discursiva são características que contribuem para uma boa fluidez.

É preferível o orador utilizar frases curtas, directas e precisas expondo de imediato a mensagem aos ouvintes. O aluno terá de conhecer muito bem o tema em causa para que o discurso seja natural e não artificial ou superficial.

Todos estes componentes paraverbais são relevantes para que o aluno melhore a sua prestação na exposição oral. Mas, para que esta seja coerente e perfeita, o aluno tem de se responsabilizar pela sua preparação, carregando o peso do seu sucesso ou fracasso aquando da exposição.

#### **4.4. Preparação da produção oral**

Do ponto de vista das disciplinas de Português e de Espanhol, dada a complexidade da comunicação oral, que associa os códigos verbal, paraverbal e não verbal, torna-se imperativo conceder a este domínio um estatuto autónomo no processo de ensino-aprendizagem, embora em articulação com os domínios da leitura e da escrita. Deverão ser introduzidos nas aulas de Português e Espanhol espaços de ensino-aprendizagem da língua-padrão, do oral reflectido e de géneros públicos e formais do oral, tanto ao nível da compreensão como da produção, instituindo o aluno como ouvinte activo e locutor de pleno direito.

Quanto à produção do oral reflectido, a Escola deve desenvolver no aluno hábitos de programação dos géneros públicos e formais do oral, observando as fases de planificação, execução e avaliação, aplicando estratégias e instrumentos apropriados à aquisição de saberes processuais e declarativos.

No entanto, raramente concebemos a língua falada como uma forma comunicativa que necessite de planificação ou preparação, porque tal como refere Kress (1979)<sup>19</sup> “a língua falada é espontânea e instantânea enquanto a escrita planificada não é espontânea e está sujeita a revisão”.

Assim, a fase de planificação, a que corresponde um número significativo de tarefas, exige aprendizagem e treino das operações que a constituem. Quando referimos oralidade não planificada podemos entender uma conversação informal, por exemplo uma conversa entre amigos, enquanto a oralidade planificada permite calcular a entoação ou o ritmo como por exemplo um discurso político.

Neste sentido, a língua oral não é menos estruturada, nem menos organizada que a escrita, por isso Halliday (1985)<sup>20</sup> chega a afirmar, “contrariamente ao que pensa muita gente, a língua falada é na sua totalidade mais complexa que a língua escrita na sua

---

<sup>19</sup> Retirado de MURO, Alexandra Álvarez, 2001

<sup>20</sup> Retirado de MURO, Alexandra Álvarez, 2001

gramática e a conversação informal e espontânea é, gramaticalmente, a mais complexa de todas”. No entanto, as razões dessa complexidade são diferentes. “Se a escrita é estática e densa, a oralidade é dinâmica e complexa e a dificuldade gramatical da oralidade toma o lugar da densidade lexical da escrita”. (Halliday, 1989)<sup>21</sup>

Para a fase de execução, correspondente à produção de texto oral segundo a sua própria matriz discursiva, deverá o professor propor estratégias/atividades que visem o desbloqueamento da expressão e um domínio progressivo do uso da palavra.

Quanto à fase da avaliação, o professor deverá promover as modalidades de auto-avaliação, avaliação pelos colegas e pelo professor, a partir de instrumentos adequados, de modo a que esta fase assuma uma função formativa, permitindo ao aluno situar-se face às suas aprendizagens e proceder aos eventuais ajustamentos sob a supervisão do professor.

A escola deve contribuir para o desenvolvimento e consolidação da competência de comunicação do aluno, nas suas diversas componentes, através da sua exposição a vários géneros públicos e formais do oral de complexidade e formalidade crescentes, cuja compreensão exige focalização prolongada da atenção, extensão e diversidade vocabular, rapidez de acesso lexical e domínio de estruturas sintáticas de grande complexidade.

Assim, é necessário propor estratégias/atividades que levem ao aperfeiçoamento destes aspectos e à consciencialização das escolhas formais decorrentes da situação de produção e intencionalidade comunicativa, não só em contexto sala de aula, como também em contexto real, isto é, em produções reais que se podem encontrar na sociedade.

#### **4.5. Treino da oralidade em contexto não escolar**

Não devemos só ocupar-nos dos usos orais na sala de aula. O tratamento da oralidade nas Línguas Maternas ou Línguas Estrangeiras devem basear-se noutros pilares fundamentais: a observação dos usos orais que têm lugar nos diferentes ambientes da comunidade, nos meios de comunicação, entre outros.

Nussbaum (1994)<sup>22</sup> refere a ideia acima exposta, já que seria interessante e proveitoso, a escola dispor de um banco de material auditivo e audiovisual, que se denomina de fonoteca, constituído por todo o tipo de materiais autênticos. Importante seria

---

<sup>21</sup> Retirado de MURO, Alexandra Álvarez, 2001

<sup>22</sup> Retirado de AVENDAÑO, F., 2007.

que a escola usasse os vários gravadores e câmaras de filmar para que se registassem os usos orais em sala de aula, em conversas com amigos e nos meios de comunicação, que depois pudessem ser vistos/ouvidos/estudados e analisados pelos alunos.

Os documentos dos meios de comunicação rádio e televisão podem obter-se sem dificuldades se os alunos se responsabilizarem pela sua recolha, como por exemplo o noticiário para análise de textos mais formais e previsíveis quanto ao seu conteúdo e desenvolvimento, ou programas mais espontâneos como por exemplo um reality show. Seria interessante comparar os dois tipos de documentos para mostrar a importância dos aspectos orais na comunicação.

A gravação de diferentes tipos de conversações telefónicas serviria para realizar numerosas actividades, tais como o estudo de temas, formas linguísticas, entre outros. A comparação de conversas telefónicas e conversas cara a cara pode também ilustrar a importância dos recursos orais na interacção, assim como as estratégias para suprir a ausência de contexto partilhado.

Os materiais orais que se encontram na sociedade, tais como breves intercâmbios orais nos negócios, nos escritórios, nos bares e discotecas, na família ou entre amigos são materiais muito motivadores para tratar com os alunos. Os materiais de âmbito escolar, gravados nas aulas, nos pátios da escola, na cantina ou bar, registarão os diferentes momentos da vida quotidiana na instituição e suas formas organizativas (trabalho em grupo, a pares, conversas espontâneas) assim como diferentes tipos de textos segundo os participantes e as normas de interacção (monólogos, diálogos ou colectivo)

Se o propósito final que se quer alcançar é que os estudantes se transformem em ouvintes activos e críticos das mensagens orais de circulação social e falantes capazes de adequar as variedades da língua oral às circunstâncias de comunicação, a escola necessita de dar oportunidades para o aluno

- a) Participar em situações de intercâmbio oral onde seja necessário expor, argumentar, explicar, formular, pedir, debater com pares e adultos sobre os diferentes conteúdos curriculares e outros temas da vida escolar e/ou extra-escolar;
- b) Produzir textos orais com diversos propósitos e reflectir sobre as diferentes normas e registos segundo a situação comunicativa ou contextos, estabelecendo relações entre os diferentes aspectos organizativos da linguagem oral e das circunstâncias em que se utiliza;

- c) Reflectir sobre o significado sociocultural da linguagem manifestado nos costumes, rituais, cerimónias, opinião pública;
- d) Observar, reflectir e apreciar as diversas variedades linguísticas como formas diferentes e não deficitárias da linguagem, nos meios de comunicação, trabalho, família, vizinhos, outras comunidades. Produzir textos orais na variedade dialectal de origem, sexo, idade e estrato social do falante, reflectindo a sua adequação à circunstância comunicativa, avaliando a necessidade de realizar ou não modificações nos planos semântico, morfossintático e fonético.

De acordo com estes itens, constata-se que é necessário que se potencie o uso da língua oral e a reflexão sobre o seu uso. Para isso, a compreensão e a produção de discursos orais que sejam propiciados pelo docente devem marcar situações reais ou verosímeis de comunicação global. Miret (1993)<sup>23</sup> retrata esta ideia na citação seguinte:

“En efecto, la mejora de las destrezas de comunicación oral requiere un esfuerzo en la planificación. No parece suficiente diseñar situaciones en las que niñas y niños puedan expresarse. Es preciso, además, fijar objetivos y contenidos claros y graduados que abarquen todos los aspectos implicados en la mejora de la comunicación oral y una reflexión a fondo sobre cómo vincularlos con las necesidades reales de comunicación de los alumnos”

Esta citação permite-nos defender que a sala de aula é concebida como um lugar de fala. Neste contexto, as unidades de análise serão eventos comunicativos que vão sucedendo no quotidiano: exposição de um tema, perguntas sobre um tema, organização de uma actividade.

Neste sentido, aquando do estágio, proporcionou-se aos alunos, de Português e Espanhol, a realização de exercícios que os motivassem para o treino da oralidade através de actividades centradas no quotidiano, tal como se exporá no ponto seguinte.

---

<sup>23</sup> Retirado de AVENDAÑO, F., 2007.

## 5. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA LECTIVA

### 5.1. Introdução

Antes de iniciar a explanação sobre as actividades realizadas nas turmas de Português e Espanhol, penso ser necessário caracterizar a escola e conseqüentemente o meio em que esta se insere.

A Escola Secundária Martins Sarmiento é uma escola centenária, localizada na freguesia Nossa Senhora de Oliveira, em Guimarães.

Em termos históricos, começou com a criação do Pequeno Seminário de Nossa Senhora de Oliveira que, mercê de pressões locais, passou a ser frequentado também por alunos não destinados ao sacerdócio. A inauguração das actuais instalações data de 1962, funcionando a partir dessa altura como o Liceu Nacional de Guimarães.

Localizado numa zona privilegiada, na proximidade do centro histórico, rodeado de museus, monumentos e serviços, *“a escola está implementada numa área com cerca de 24.000m<sup>2</sup>, 19.850m<sup>2</sup> de área de logradouro e 4.200m<sup>2</sup> de área coberta.”*<sup>24</sup>

Em termos físicos, a escola expande-se num único bloco por 24 salas comuns, 3 salas de informática, 1 centro de recursos, biblioteca/mediateca, 1 sala de estudo, 1 laboratório de Biologia, 1 sala adaptada de Biologia, 2 laboratórios de Físico-química, 1 laboratório de Matemática, 1 laboratório de Línguas, 2 salas de Multimédia, 2 anfiteatros, 1 sala de expressão dramática e 2 ginásios.

*“Os espaços internos, amplos, usufruem de luz natural e os espaços exteriores, cuidados, são atractivos, apresentando características muito próprias, desde a sua fachada até aos seus jardins, enriquecidos pela variedade da sua flora”*.<sup>25</sup>

A tipologia da escola é de 3º Ciclo e Secundário mas, no momento presente, apenas ministra o Ensino Secundário, funcionando em regime diurno com 50 turmas e aproximadamente 2000 alunos, encontrando-se, assim, sobrelotada.

*“A escola tem falta de um pavilhão polidesportivo, de balneários modernos e eficientes, de 1 auditório e de 1 sala de convívio para os alunos.”*<sup>26</sup> As instalações desportivas, exteriores e interiores, foram recentemente melhoradas. No domínio da

---

<sup>24</sup> [http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE\\_2008\\_DRN/AEE\\_08\\_ES\\_Martins\\_Sarmiento\\_R.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2008_DRN/AEE_08_ES_Martins_Sarmiento_R.pdf)

<sup>25</sup> [http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE\\_2008\\_DRN/AEE\\_08\\_ES\\_Martins\\_Sarmiento\\_R.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2008_DRN/AEE_08_ES_Martins_Sarmiento_R.pdf)

<sup>26</sup> [http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE\\_2008\\_DRN/AEE\\_08\\_ES\\_Martins\\_Sarmiento\\_R.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2008_DRN/AEE_08_ES_Martins_Sarmiento_R.pdf)

segurança, a escola tem feito importantes investimentos, instalando em toda a escola sistemas de vídeo vigilância e de intrusão.

A escola dinamiza diferentes percursos formativos que pretendem dar resposta às necessidades do meio: Cursos Científicos-Humanidades (Artes visuais; Ciências e tecnologias; Ciências Socioeconómicas; Ciências Sociais e Humanas; Línguas e Literaturas, Línguas e Humanidades); Cursos profissionais (Restauração - variante Cozinha/Pastelaria; Técnico de Análise laboratorial; Animador Sociocultural; Técnico Multimédia; Técnico de gestão de equipamentos informáticos) e Cursos Tecnológicos (Acção Social; Desporto e Multimédia).

“13,4% da população escolar frequenta os Cursos Profissionais, enquanto que 70,2% frequenta o 10º, 11º e 12º anos, no âmbito dos Cursos Científicos-Humanísticos e 16,4% outros cursos tecnológicos.”<sup>27</sup>

Verifica-se que 83,3% alunos não são apoiados pelos Serviços de Acção Social Escolar (SASE) e apenas 13,6% dos alunos se encontram no escalão A e 3,1% no escalão B. Logo, pode-se concluir que a maior parte das famílias não sentem muitas dificuldades económicas, o que pode traduzir-se numa maior estabilidade emocional dos alunos facilitando, assim, um melhor resultado no seu percurso escolar.

Verifica-se que 37,1% não têm computador e Internet em casa, 0,3% não têm computador mas têm internet, 26,4% têm computador e não têm internet e só 36,2% têm Computador e Internet. Estes dados são relevantes para perceber que ainda há um número elevado de alunos no Ensino Secundário que não têm acesso a computador e internet em casa, dificultando a realização de possíveis pesquisas para a elaboração de trabalhos. Esta situação pode condicionar a rentabilidade de tempo dos alunos, uma vez que têm de se deslocar à escola ou bibliotecas para acederem a estes serviços.

Em relação aos docentes que leccionam no agrupamento, 5,9% pertence ao Quadro de Zona Pedagógica, 83,2% pertence ao Quadro de Escola e 10,9% são Contratados, o que sugere que haja uma ideia de continuação dos professores e alunos ao longo dos três anos do Ensino Secundário. O professor pode, assim, acompanhar o aluno e trabalhar com ele as suas maiores dificuldades ao longo do ciclo de estudos, preparando-o para a nova etapa que se segue.

---

<sup>27</sup> [http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE\\_2008\\_DRN/AEE\\_08\\_ES\\_Martins\\_Sarmento\\_R.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2008_DRN/AEE_08_ES_Martins_Sarmento_R.pdf)

Relativamente aos pais, verifica-se que aproximadamente 59% apresenta habilitações até ao 3º Ciclo do Ensino Básico, 12,9% concluiu o Secundário e as habilitações superiores são residuais entre 0 e 1%, com excepção de Licenciaturas que apresenta 6,5%. Estes dados ajudam a perceber que as qualificações académicas dos pais não são muito altas, sendo a maior percentagem os pais com habilitações até ao 3º ciclo do Ensino Básico. Esta situação demonstra que os alunos têm já maior habilitação académica que os pais.

Verifica-se, quanto à profissão dos pais, que 11,1% se encontram desempregados e que 22,2% são trabalhadores do sector secundário, enquanto 10,8% são trabalhadores de serviços e 14,7% quadros superiores, concluindo-se, que assim, há um equilíbrio de percentagens quanto à profissão dos pais. A situação mais preocupante é o facto de 11,1% dos pais estarem desempregados, o que pode trazer instabilidade emocional e financeira aos alunos, prejudicando a sua prestação escolar.

Consegue-se criar uma visão global da escola e das suas condições através destes dados, o que ajuda a perceber o meio em que estes alunos estão inseridos. Não é uma escola problemática e os seus alunos não mostram baixo rendimento escolar. Todos os órgãos directivos/coordenativos da escola tentam motivar os alunos para actividades dentro ou fora da escola, criando, assim, mobilização de saberes entre o meio escolar e a comunidade.

## **5.2. Caracterização das turmas**

Ao longo do ano lectivo 2008/2009, durante o estágio, as aulas-regências foram ministradas em duas turmas distintas, uma de Português e outra de Espanhol que pertenciam à orientadora de estágio de Português, Dr.<sup>a</sup> Manuela e à orientadora de estágio de Espanhol: Dr.<sup>a</sup> Diana. Nos pontos seguintes faz-se uma análise crítica sobre as turmas.

### **5.2.1. Português**

A turma de Português era uma turma de 10º ano do curso Científico-Tecnológico, composta por 28 alunos com uma média de idades de 15,4 anos em que 96,4% vive com os pais enquanto 3,6% vive só com a mãe.

Para melhor caracterizar estes alunos, procura-se fornecer alguns dados sociológicos sobre as famílias de origem através de quadros de percentagens<sup>28</sup>.

### Habilitações Literárias dos pais:

NIVEL DE ENSINO	PAI %	MÃE %
Sem habilitações	--	--
1º Ciclo de Ensino Básico	42,9%	60,7%
2º Ciclo Ensino Básico	28,6%	28,6%
3º Ciclo Ensino Básico	3,6%	3,6%
Ensino Secundário	10,7%	3,6%
Ensino Superior	3,6%	3,6%

### Situação profissional dos Pais:

	PAI %	MÃE%
Trabalho por conta própria	10,7%	14,3%
Trabalho por conta de outrem	67,9%	75%
Reformado	3,6%	--
Desempregado	17,9%	7,1%

Após análise dos quadros acima expostos, verifica-se que os pais dos alunos têm baixas habilitações literárias e só 3,6% dos pais têm habilitações de Ensino Superior. Esta situação pode reflectir-se na sua situação profissional já que se sente uma elevada percentagem de desemprego, e nos pais em situação de trabalho por conta de outrem. É necessário assinalar o facto de 3,6% dos pais serem já reformados. Estes dados traduzem uma baixa formação dos pais agravada pelo desemprego, o que pode revelar instabilidade emocional por parte dos alunos

### Situação Escolar

	SIM%	NÃO %
Frequência Pré-Escolar	57,1%	42,9%
Retenções	35,7%	64,3%
Negativas 3º Período	42,9%	57,1%
Apoio Pedagógico	32,1%	67,9%
Apoio no estudo	32,1%	67,9%
Faltas disciplinares	7,1%	92,3%
Apoio Social	57,1%	42,9%

<sup>28</sup> Fonte: Quadros elaborados pelas Directoras de Turma das respectivas turmas no início do ano lectivo inserido no Projecto Curricular de Turma.

Nesta tabela, verifica-se que existe uma elevada percentagem de alunos que não frequentaram o pré-escolar. Dada a importância que tal frequência parece vir a ter no sucesso escolar dos alunos, desde logo se configura uma turma com alguns problemas de eventual insucesso.

As obtenções, ou não, de negativas no terceiro período equiparam-se numa percentagem quase equivalente de 42,9% para alunos com negativas e 57,1% para alunos sem negativas. Quanto às faltas disciplinares, nesta turma há uma significativa percentagem de 7,1%, o que indica alguma inadequação dos comportamentos escolares, alguma desmotivação ou qualquer outro motivo a necessitar da reflexão conjunta de docentes e famílias.

Quanto às disciplinas em que os alunos sentem mais dificuldades, estes reflectem preocupação a Matemática, Físico-química, o que, estando inseridos nesta turma de Científico-Tecnológico, não deixa de ser preocupante, por revelar algum desfasamento entre as expectativas dos alunos ao escolherem a área e a competência revelada a nível das disciplinas nucleares.

### 5.2.2. Espanhol

A turma de Espanhol era uma turma de 11º ano do curso Científico-Tecnológico. Era composta por 21 alunos com uma média de idades de 16.6 anos em que 86% vivem com os pais e 14 % vivem só com a mãe.

#### Habilitações Literárias dos pais:

NIVEL DE ENSINO	PAI %	MÃE %
Sem habilitações	--	--
1º Ciclo de Ensino Básico	50%	57%
2º Ciclo Ensino Básico	22%	24%
3º Ciclo Ensino Básico	11%	5%
Ensino Secundário	17%	14%
Ensino Superior		

#### Situação profissional dos Pais:

	PAI %	MÃE%
Trabalho por conta própria	24%	6%
Trabalho por conta de outrem	70%	72%
Reformado	6%	--
Desempregado	--	22%

Após análise dos quadros acima expostos relativamente à turma em questão, verifica-se que a maior parte dos pais dos alunos possuem o 1º Ciclo do Ensino Básico, seguido do 2º Ciclo do Ensino Básico. Verifica-se, ainda, que não há nenhum pai com o Ensino Superior e poucos são os que têm o Ensino Secundário. Provavelmente, algum desinteresse dos alunos pode explicar-se pela incapacidade dos pais em colaborar nas actividades diárias de estudo, devido às reduzidas habilitações literárias dos mesmos. Relativamente à situação profissional, há uma elevada percentagem de pais que trabalham por conta de outrem e é de realçar uma significativa percentagem de desempregados, não esquecendo, também, que existem 6% de reformados, logo o baixo nível económico, em alguns alunos, poderá justificar a desmotivação na escola, uma vez que não usufruem de explicações extra, nem têm acesso a boas condições de estudo em casa, como por exemplo computador e internet.

### Situação Escolar

	SIM%	NÃO %
Frequência Pré-Escolar	41%	59%
Retenções	36%	64%
Negativas 3º Período	50%	50%
Apoio Pedagógico	18%	82%
Apoio no estudo	18%	82%
Faltas disciplinares	23%	77%
Apoio Social	41%	59%

Verifica-se uma elevada percentagem de alunos que não frequentaram o pré-escolar, havendo, também, um número elevado de retenções e de negativas no 3º Período. É de realçar que só 18% tem apoio pedagógico e apoio no estudo. Quanto às faltas disciplinares, verifica-se uma percentagem bastante significativa de 23%, o que, em alunos desta faixa etária, é preocupante porque pode reflectir desmotivação, inadequação à escola. Neste sentido, o Conselho de Turma deveria tentar encontrar soluções para estas faltas disciplinares, através de estratégias a aplicar no momento ou a longo prazo. Quanto ao apoio social, 41% dos alunos têm esta ajuda, o que indicia um ambiente de carência socioeconómico.

Relativamente às disciplinas em que sentem mais dificuldades, os alunos, como os da turma de Português, reflectem preocupação a Matemática, Físico-química, o que, estando inseridos nesta turma de Científico-Tecnológico, não deixa de ser preocupante,

uma vez que pretendem seguir profissões para as quais estas disciplinas são base, tal como Medicina, Fisioterapia, Engenharia Biomédica e Professor de Educação Física.

O elevado número de negativas, retenções e a parca escolaridade dos pais fazem com que os alunos sintam bastantes dificuldades ao nível da oralidade, pois consegue-se perceber, durante as aulas das disciplinas de Português e Espanhol, que os alunos têm muitas dificuldades em expressar-se e muitas das vezes adquirem vocabulário familiar que transportam para a sala de aula, situação que não pode acontecer num contexto oral formal, onde o português padrão deve ser utilizado.

Pode-se concluir que estamos perante turmas que, mesmo não tendo graves problemas sociais ou comportamentais, não revelam, também, os comportamentos escolares mais adequados para que a aprendizagem decorra da melhor forma, o que pode justificar as classificações ao nível do Suficiente que estes alunos alcançaram neste ano lectivo. E, portanto, urge criar actividades motivadoras e que se ajustem às dificuldades que os alunos sentem nas aulas ou em qualquer outra situação formal.

Foi neste contexto que se incluiu, durante as aulas-regências, actividades interessantes que motivassem os alunos para a prática da competência comunicativa oral, tal como se segue no ponto seguinte.

### **5.3. Actividades realizadas nas aulas para a aprendizagem e treino do oral**

Esta parte do estudo pretende sugerir ao professor de Português Língua Materna e Espanhol como Língua Estrangeira um conjunto de actividades de produção oral, articuláveis com qualquer tipo de programação.

Durante a sua concepção, houve uma pretensão fundamental: acertar ao máximo as actividades de produção oral que se realizarão na sala de aula com as características das situações reais de comunicação e dotar os exercícios de condições que envolvam toda a interacção oral. Como foi já referido antes, o factor motivação é muito importante, é a chave para uma realização perfeita das actividades didácticas. Assim, o aluno tem de pesquisar informação, actuar frente ao imprevisto e reagir perante cada nova intervenção do interlocutor. Esta situação é, sem dúvida, “mais divertida” e motivadora que o esquema muito generalizado que se encontra em muitos materiais: o professor pergunta o que já sabe e o aluno responde à pergunta sabendo que o professor sabe e o professor corrige ou elogia uma resposta que não traz nada de novo. Isto, como é óbvio, tem pouco a ver com um discurso real entre indivíduos.

Por outro lado, a realização de tarefas comunicativas colocará o aluno numa situação próxima da de qualquer falante num contexto real em que ele tem de interactuar e isso possibilitará o exercício de todos os recursos que permitam o intercâmbio comunicativo. Não só se exercitarão recursos morfossintácticos, articulatorios como também os mecanismos discursivos que dão coerência e viabilidade a um intercâmbio oral que, neste tipo de actividades, têm um protagonismo primordial.

Trata-se, então, de evitar converter uma actividade de produção oral numa sucessão de emissões não integradas e que, no fundo, têm uma só pretensão: praticar algum aspecto morfossintáctico esquecendo o desenvolvimento das estratégias específicas da comunicação oral.

Coloco à disposição actividades especificamente pensadas e elaboradas para o desenvolvimento da competência oral, uma vez que, neste ano de estágio, detectei a falta de treino desta competência na sala de aula, tanto em Português como em Espanhol, apesar de em Espanhol esta ser mais desenvolvida devido às razões já atrás apresentadas.

### **5.3.1. Português**

Em Português, constatou-se que os alunos sentiam dificuldades em expressar-se ao nível do oral, tentando eu, assim, planificar as *aulas-regências* de forma a propiciar momentos do treino do oral. Primeiramente, os alunos foram questionados através de um formulário que lhes foi entregue no início da aula e que seria devolvido no final. Assim, ao longo dos 90 minutos, os alunos avaliariam a sua própria oralidade, aquando da sua intervenção oral na aula. (Quadro 1, anexo 10)<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> Adaptado de FERNANDES, H. S., 2006 :260.

<b>Avaliação Diagnóstica da Expressão Oral</b>			
<b>Escala de valoração descritiva para avaliar a actuação</b>			
Nome: _____			
Indicadores	1	2	3
→ Apresentou o ponto de vista a defender			
→ Demonstrou uma adequada sequência das ideias			
→ A articulação foi:			
• Nítida: distinguiu-se bem			
• Confusa, indistinta			
→ O volume de voz foi:			
• Adequado			
• Alto			
• Baixo			
→ A postura do corpo foi:			
• Adequada			
• Rígida			
→ O ritmo mantido foi:			
• Adequado			
• Lento			
• Rápido			
→ Reflectiu/Pensou no que disse			
→ A sua participação foi ordenada			
→ Esperou pela sua vez para falar			

(Quadro 1)

Neste quadro, coloquei diante dos alunos alguns elementos importantes para o treino de uma competência da oralidade, tal como já referi atrás. Elaborei uma escala para valorizarem a sua actuação de um a três (1 a 3). Os alunos teriam de ter em conta a concatenação de ideias e a sua sequencialização, não esquecendo os elementos paraverbais ou paralinguísticos, como por exemplo a articulação, o volume de voz, o ritmo e a postura do corpo. Também tentei fazer com que eles percebessem a importância da participação ordenada e reflectida, porque muitas das vezes a participação nada tem de ordenada e muito pouco de reflectida.

Após a aula, recolhi os questionários e constatei que muitos dos alunos não os preencheram. Interrogados sobre o porquê de não os terem preenchido, responderam que não sabiam o que apontar, que não conseguiam avaliar-se a si próprios. Provavelmente, a causa desta incapacidade de auto análise será a falta de cultura de auto-avaliação, uma vez que os alunos não sabem reflectir sobre as suas aprendizagens. Os alunos não criaram hábitos de reflexão sobre o que fazem numa sala da aula, o que conduz a uma auto-

avaliação deficiente. Será necessário o professor trabalhar com eles esta reflexão, criando uma autonomia e responsabilidade ao longo do seu percurso escolar.

Nota-se, também, que se sentiram um pouco mais inibidos para falarem na sala de aula, o que só veio confirmar as primeiras constatações de que os alunos não treinam o oral, que pensam que sabendo falar espontaneamente uma língua já adquiriram todas as competências do oral e que tal como falam com os amigos ou família é como também falam numa sala de aula.

Tentou-se, neste sentido, motivá-los para a competência oral, o que muitas das vezes se tornava difícil, porque os professores guiam-se pelo programa e têm de o cumprir e, apesar de a oralidade fazer parte do programa, ainda não existe uma consciência do papel do treino da oralidade nas aulas. Além disso, eu estava numa situação diferente, pois só estive com a turma 10 aulas e era complicado haver um trabalho seguido e regular no âmbito desta competência comunicativa. Logo, dentro das condições que me foram dadas, tentei descortinar alguns dos problemas e criar actividades para os atenuar.

Assim, aquando das aulas, foram planificadas situações para que os alunos pudessem trabalhar a expressão oral formal.

Na aula em que se estudou Camões Lírico, os alunos foram levados a recordar-se da época do Renascimento e também de algumas histórias que se contam sobre a biografia de Luís de Camões. Nesta situação, os alunos, de uma forma ordenada e respeitando a participação de todos, foram expondo o que sabiam sobre estes assuntos.

Apesar de ser uma actividade básica, serviu para que os alunos fossem perdendo o receio de falar para a turma, ganhando, assim, mais confiança. Pude constatar que muitos dos alunos não falam porque realmente não sabem a resposta e nem a tentam deduzir através de pistas dadas pelo professor, ou sabem a resposta, mas com o medo de errar, nem se aventuram a dizer o que sabem. No entanto, houve um aluno que me surpreendeu pela positiva, uma vez que sabia as respostas ao que lhes perguntava, por exemplo sobre o Renascimento e o conhecimento livresco. Este aluno respondia correctamente podendo eu, assim, verificar a sua motivação em responder e quanto à produção do seu discurso oral pode considerar-se razoável. Estávamos a falar de assuntos que ele sabia e de que gostava, mas de repente este aluno parou de responder porque os outros começaram a dizer que ele sabia muito, que era esperto, entre outros comentários, porém, ele sentia de igual forma vontade em responder e a motivação ainda se podia verificar. Assim, com esta situação, voltou a fechar-se na sua concha e foi muito difícil mais alguém dizer algo de forma individual, passando a haver respostas, mas de forma colectiva.

Numa outra aula, em que explorávamos os Poetas de Expressão de Língua Portuguesa do século XX, nomeadamente Cecília Meireles e José Craveirinha, foi pedido aos alunos que, através de alguns poemas e autobiografias, escrevessem um guião sobre a personalidade de um destes dois poetas. Depois teriam de apresentar o trabalho à turma em forma de entrevista ficcionada, uma vez que era o tipo de discurso que estávamos a estudar.

Os alunos teriam de dramatizar a entrevista perante a turma, utilizando o que anteriormente tinham escrito no guião. Claro que cada par iria trabalhar conceitos diferentes de cada poeta, o que traria uma maior riqueza a nível de conteúdo para a aula. Esta actividade despertou no início alguma relutância por parte dos alunos, porque sabiam que teriam de a apresentar oralmente, mas depois resultou muito bem. Os alunos focaram aspectos interessantes da vida e obra dos poetas em estudo e também da época, e, salvo algumas excepções, as entrevistas correram normalmente. Conseguimos trabalhar a postura, o tom de voz, o ritmo, os gestos e expressões faciais, além dos conteúdos que os alunos iam expondo, treinando, assim, a exposição e um tipo de discurso concreto.

Após esta actividade, os alunos puderam constatar, por eles, que não é fácil a expressão oral, e que tem de ser trabalhada e aperfeiçoada.

Infelizmente não tive mais tempo para trabalhar com eles esta questão, pois verifiquei que não lhes é nada fácil falar de um modo formal e em público. Deveriam treinar mais para se sentirem mais à vontade.

### **5.3.2. Espanhol**

Em Espanhol, as aulas são ministradas de maneira diferente em relação à expressão oral. Uma aula de Língua Estrangeira difere de uma aula de Português como Língua Materna em vários aspectos. Não só pelo facto de os sons e pronúncia das palavras serem diferentes das da língua portuguesa, como também pelo facto de os significados das palavras poderem ser muito diferentes e poderem levar a erros de comunicação.

A turma de Espanhol Iniciação, ao longo deste ano lectivo, foi uma turma de 11º ano que, de acordo com o Quadro Comum Europeu de Referência, se insere no nível B1.

As aulas de Língua Estrangeira têm como principal objectivo ensinar a língua a nível escrito e oral para que os alunos consigam manter uma conversa com os nativos ou escrever um texto sem erros de comunicação e de uma forma autónoma. Assim, a oralidade faz parte integrante das aulas, tal como deveria fazer em todas as disciplinas.

Nesta turma específica de Espanhol, senti muitas dificuldades porque os alunos participavam oralmente, mas de uma forma desordenada e a maior parte das vezes em Português. Não é esta a atitude que devemos esperar de uma turma de Espanhol no nível B1, por isso o meu maior desafio era colocar a turma a participar ordenadamente e em Espanhol, não anulando quem queria participar em detrimento dos desorganizados.

Uma vez que em Português se elaborou a entrevista, em Espanhol utilizou-se o debate como apoio para a aula de treino de oralidade. Assim, através do tema das compras, que atrai muita gente, e pelo facto de estarmos perto do Natal e haver uma febre consumista, tentou-se motivar a turma para esta temática.

Dividi a turma em grupos e escrevi no quadro algumas perguntas que serviriam de ponto de partida para o debate. Os alunos teriam de, entre grupos, comentar as perguntas e, após a eleição de um porta-voz, iniciariamos o debate. Esta actividade correu muito bem, uma vez que todos tiveram a oportunidade para falar, mas esta oportunidade deveu-se ao facto de terem sido impostas regras de participação: todos os grupos começariam com 10 pontos e o elemento do grupo que falasse sem ser a sua vez ou em Português perderia 3 pontos. Ganharia o grupo que terminasse o debate com mais pontos. Só assim foi possível que entendessem que, num debate, todos podem e devem exprimir as suas opiniões, mas ordenadamente.

Conseguiu-se, também, motivar a turma para actividades comunicativas de interacção social, em que o treino do oral estava mais explícito e assim, rentabilizar o estudo e o progresso da língua, e também, prestar maior atenção ao contexto social em que se insere a interacção.

Outra actividade levada a cabo foi sobre o tema “Las viviendas”, em que se estuda todo o vocabulário e expressões relacionadas com a habitação desde anúncios imobiliários, utensílios que temos em casa, entre outros.

Dentro deste contexto, os alunos foram distribuídos por pares e entregou-se-lhes cartões com plantas de casas e, após uma breve preparação, os alunos tinham de apresentar perante a turma a habitação, expondo as características que ela tem e imaginar que a restante turma era composta por possíveis compradores. Em anexo são colocados os materiais utilizados para a realização destas actividades. (Anexo 1: figura 1, figura 2, figura 3)<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Imagens retiradas de <http://images.google.pt/>

Esta actividade comunicativa de interacção social levou os alunos a encarnarem uma personalidade mais formal e a reagirem perante questões que alguns colegas lhes colocavam. Conseguiram expressar-se oralmente de forma correcta, apesar de ainda cometerem alguns erros de pronúncia e quanto ao significado de palavras. Quando os alunos sentiam que não conseguiam dizer certas palavras ou expressões em Espanhol, ao invés de tentar explicá-las em Espanhol, parafraseando, simplesmente desistiam e falavam em Português. Esse foi um dos problemas mais difíceis de superar, mas que se entende perfeitamente, uma vez que, em situações de dificuldade comunicativa, é normal recorrer à Língua Materna se ela for próxima da Língua Estrangeira.

Uma outra actividade realizada com esta turma foi no âmbito do tema “La Salud”. Neste tema, em que são abordados os cuidados corporais e a saúde, foi mostrado à turma, através do retroprojector, um acetato<sup>31</sup> (Anexo 2: figura 4) em que se viam umas imagens de um paciente no médico e, em pares, os alunos teriam de imaginar a conversa entre os dois.

Seguidamente, era interessante dramatizar uma consulta ao médico, em que um aluno seria o médico e o outro seria o paciente. Os alunos teriam que ficcionar uma consulta no médico em que explicariam o que sentem, e o médico faria o diagnóstico e prescreveria tratamento.

Esta actividade comunicativa de interacção social também resultou muito bem, até porque os alunos já estavam mais habituados a este tipo de actividades e notavam-se já algumas diferenças na expressão oral e, ao mesmo tempo, tentavam já modificar e corrigir os erros da produção do oral.

No entanto, o tempo que tive com as duas turmas não foi o suficiente para trabalhar de modo aprofundado com os adolescentes a oralidade, porque, tal como já referi atrás, só estive com os alunos durante 10 aulas de 90 minutos e com um grande espaço temporal entre elas.

Nas últimas aulas, foi trabalhado com eles o tema “Los viajes”. Assim, como estratégia de motivação elaborou-se um teste (Anexo 3: figura 5) para averiguar os gostos dos alunos. A turma foi dividida em rapazes e raparigas, e deram-se 10 minutos para fazerem em grupo o teste. Depois, oralmente e de uma forma ordenada, os alunos expuseram os seus gostos, exprimindo as suas opiniões e razões dessas escolhas. Esta actividade pretende fazer com que os alunos, através da oralidade, expressem as suas

---

<sup>31</sup> O material foi retirado de BUITRAGO, DÍEZ, DOMINGUÉZ, MARTÍN, NATAL, 2007: 90

opiniões de uma forma correcta, respeitando os elementos paralinguísticos, e que os restantes alunos aceitem as opiniões dos outros.

Na última aula-regência os alunos viram algumas imagens do filme de Walter Sales “Diários de Che Guevara” (2004). Este filme relata uma viagem que Che Guevara realizou, na companhia de um amigo, pela América do Sul. Após a visualização e posterior análise das imagens, dos diálogos e das ideologias, os alunos leram um texto relacionado com o filme. (Anexo 4: figura 6).

Esta actividade foi importante porque, através deste texto, os alunos foram motivados a participar, dando a sua opinião sobre o filme, interligado essa opinião com o texto que leram. Esta participação foi ordenada e preparada, o que propiciou muitos bons momentos de treino do oral, porque, à medida que iam produzindo o discurso, iam sendo corrigidos e alertados para os erros que cometiam.

Balanço provisório:

Durante a aplicação das actividades referidas atrás, em Português ou Espanhol, percebe-se que os alunos se encontram motivados para este tipo de actividades. Além de as acharem interessantes, também as consideram divertidas. No entanto, ainda há muito trabalho a fazer para que os alunos encarem estas actividades como uma aprendizagem e não como diversão.

Após estas actividades, quer a Português quer a Espanhol, creio que os alunos entenderam que a expressão oral é uma competência que deve ser trabalhada e que não implica só falar, mas sim ter em atenção outros aspectos variados e complexos.

É neste contexto que me disponho a criar/elaborar outros materiais e estratégias para praticar a oralidade em aulas de Português e Espanhol Iniciação. Estas actividades podem ser em contexto lúdico ou não, mas terão sempre de chamar a atenção dos alunos e aproveitar a sua motivação, para que se sintam impelidos a participar autonomamente.

Opto por criar actividades que possam ser utilizadas para temas distintos, e muitas das vezes que possam ser utilizadas nas duas línguas, sem prejuízo para nenhuma delas.

No final de cada actividade feita em aula, seria importante que os alunos se auto-avaliassem e que avaliassem os outros colegas, para começarem a aperfeiçoar a auto-avaliação.

Neste contexto, Hilário Sousa Fernandes (2006: 262/263) elaborou um quadro (Quadro 2) que pode ser utilizado como base para a avaliação da exposição e argumentação dos alunos e que pode ser útil para que os mesmos se apercebam das suas dificuldades e para que as consigam superar.

Avaliação Diagnóstica da Expressão Oral  
Exposição – Argumentação

Indicadores:	Muito	Bastante	Pouco	Nada
1. O tema foi:				
• Motivador: despertou interesse				
• Preciso, claro				
2. O conteúdo da argumentação:				
• Apresentou o ponto de vista a defender				
• Explanou argumentos a favor e contra				
• Foi reforçado com exemplos justificativos				
• Reiterou, no final, a tese apresentada				
• Evidenciou objectividade				
• Demonstrou uma adequada sequência das ideias				
• Desenvolveu-se superficialmente				
3. Os argumentos foram:				
• Convincentes				
• Primordiais				
• Coerentes, consistentes				
4. A articulação foi:				
• Nítida: distinguiu-se bem				
• Confusa, indistinta				
5. O volume de voz, face às circunstâncias concretas, foi:				
• Adequado				
• Alto				
• Baixo				
6. A entoação foi:				
• Enfática, expressiva				
• Forçada, constrangida				
• Monocórdica, invariável				
7. O ritmo mantido foi:				
• Adequado				
• Rápido				
• Lento				
8. A gesticulação mostrou-se:				
• Sincronizada com o discurso				
• Natural, não-forçada				
• Excessiva				
• Pobre				
9. O olhar foi:				
• Abrangente: percorreu todo o auditório				
• Localizado, circunscrito				
10. A postura do corpo foi:				
• Adequada				
• Rígida				
11. O discurso foi:				
• Fluído, contínuo, sem rupturas				
• Natural, não-forçado				
• Preciso, rigoroso				
• Claro, perceptível				
• Ordenado: bem encadeado				
• Artificial, superficial				
• Monótono				
12. Os ouvintes estiveram:				

• Atentos				
• Motivados				
• Distraídos				
• Confusos				

(Quadro 2)<sup>32</sup>

#### 5.4. Algumas sugestões de actividades para treino da oralidade

Após a experiência do estágio, em que algumas actividades planificadas e realizadas nas turmas se baseavam no treino do oral, é importante, através das conclusões tiradas depois da aplicação das mesmas, elaborar mais algumas que possam ajudar a criar novas propostas para serem aplicadas em contexto sala de aula.

Estas propostas podem ser apresentadas como comunicativas, porque tal como refere William Littlewood (1998: 15) “al usar este término quería señalar que el estudiante no asumía actividades cuya finalidad principal fuera comunicar significados a un interlocutor de una manera eficaz (...) producir ciertas formas de la lengua de un modo acceptable.” Assim, o professor prepara o aluno para actividades comunicativas com as quais treinarão a expressão oral, melhorando a motivação e favorecendo uma aprendizagem natural.

Estas actividades comunicativas podem distinguir-se em actividades de comunicação funcional e actividade de comunicação interacção social.

William Littlewood (1998: 18/19) esclarece esta distinção:

“(...) un aspecto importante de la habilidad comunicativa funcional es la capacidad de seleccionar aquellos enunciados que transmitan el significado que se desea de un modo eficaz en una situación concreta. (...) El objetivo principal de las actividades es que los estudiantes usen la lengua que conocen para transmitir significados de un modo tan eficaz como sea posible. El éxito se mide en primera instancia según cómo se enfrenten a las exigencias comunicativas de la situación inmediata.”

“(...) otro aspecto importante de la habilidad comunicativa interacción social es la capacidad de tener en cuenta tanto el significado social como el significado funcional de diferentes formas de la lengua. El hablante competente selecciona la lengua que es, no solo eficaz desde un punto de vista funcional, sino también apropiada a la situación social en que se encuentra.”

Podemos concluir que, nas actividades de comunicação funcional, o professor é o que organiza a situação de modo que os estudantes tenham de guardar um vazio de informação ou tentar resolver um problema, e os alunos têm de encontrar uma solução ou

<sup>32</sup> Adaptado de FERNANDES, H. S., 2006: 262/263

tomar uma decisão correcta. Supõe-se, assim, partilhar e interpretar informação através da língua.

Nas actividades de interacção social, atribui-se uma nova dimensão às actividades de comunicação funcional: a do contexto social, o que significa que os alunos têm de prestar atenção tanto aos significados sociais como funcionais que se transmitem através da língua. “ (...) También significa que las actividades se acercan más al tipo de situación comunicativa que se encuentra fuera del aula, donde la lengua no es sólo un instrumento funcional sino también una forma de comportamiento social.” William Littlewood (1998: 41)

Deste modo, as próximas actividades propostas reflectem esta situação comunicativa funcional e social.

#### **5.4.1. Português e Espanhol**

Este primeiro conjunto de actividades será de fácil aplicação e podem ser aplicadas em qualquer aula. Porque não ter sempre alguma destas actividades prontas para serem postas em prática nos últimos 20 minutos de uma aula mais expositiva?

##### Actividade 1

*Título:* “Descobre a palavra”

*Línguas:* Português/ Espanhol

*Objectivo:* Através de definições, os alunos terão de descobrir qual a palavra que está no cartão.

*Tipo de Actividade:* Comunicação funcional, uma vez que não se espera que os alunos se revejam em qualquer situação social, simplesmente que trabalhem a língua e que transmitam a informação necessária para que se resolva o problema colocado.

*Temas:* Indefinido

*Procedimento:* Esta actividade terá de ser preparada anteriormente pelo professor, que deverá elaborar cartões com nomes abstractos, como por exemplo: Felicidade, Amor, Desespero, Ansiedade, Desejo, Medo, Alegria, no caso de Português e em Espanhol pode-se optar por outras palavras menos abstractas ou pela tradução destas.

Estes cartões deverão ser em número suficiente para que, pelos menos, todos os alunos obtenham um.

Seguidamente, o professor entrega aos alunos um cartão de forma aleatória e só o aluno lerá a palavra. A partir desse momento, o aluno, que está ao lado do professor em frente à turma, terá de, através de frases completas, tentar explicar qual a palavra que ele tem sem a pronunciar nunca. No entanto, muitas das vezes é fácil adivinhar a palavra, assim, os alunos terão de evitar palavras da mesma família. Por exemplo, se a palavra fosse Amizade, o aluno teria de dizer “sentimento que nutro por pessoas de quem gosto” e não “o que sinto pelos meus amigos”. E assim consecutivamente até os colegas adivinharem a palavra. Depois, o professor chama outro aluno e o processo será o mesmo.

Exemplos de palavras para Português: Raiva, Solidão, Vingança, Paixão, Solidariedade, Simpatia, entre outras.

Exemplos de palavras para Espanhol: Pasión, Invidia, Tristeza, Hambre, Fraternidad, Vanidad, entre outras.

Esta actividade proporciona ao aluno, no momento, organizar um discurso conciso e muito preciso para explicar a palavra para os seus colegas. O aluno estará a praticar a expressão oral, de uma forma lúdica e em contexto informal, mas controlado e desenvolvendo a capacidade de raciocínio imediato.

## Actividade 2

*Título:* “Penso que...”

*Línguas:* Português/ Espanhol

*Objectivo:* O professor escolhe situações do dia-a-dia para que os alunos possam defender as suas posições e ideologias em relação à situação.

*Tipo de Actividade:* Interação social, porque os alunos terão de reagir consoante o comportamento social adequado.

*Temas:* Indefinido.

*Procedimento:* A segunda proposta de actividade para praticar a expressão oral numa aula de Português e Espanhol tem de ser preparada com antecedência. O professor preparará uns cartões ou outro material. Nestes cartões, coloca situações quotidianas ou imprevisíveis, como por exemplo “Na tua escola estão a promover a Reciclagem. Tens de defender esta ideia perante algumas turmas da escola. Que dirias?” O aluno recebe o cartão e tem dois minutos para preparar o seu discurso. Após estes dois minutos, tem de imaginar a situação e reagir perante ela entre cinco a dez minutos. Nesta actividade, o aluno terá de ter em atenção o tom de voz utilizado, a postura, a dicção e vocabulário.

Esta actividade proporciona, aos alunos, trabalharem a oralidade em contexto formal. Terão de atrair as atenções dos colegas e imaginar-se realmente na mesma situação, para levar os colegas a aceitarem as ideias que vão expor.

Nesta exposição, os alunos treinarão a postura do corpo, tom de voz, dicção e vocabulário e serão corrigidos pelo professor sempre que cometerem alguma falha.

A actividade fará com que os alunos se apercebam das dificuldades que podem sentir aquando da exposição, e depois tentam aperfeiçoar o treino. Só o facto de o aluno contactar com situações possíveis de acontecer no dia-a-dia, faz com que ele se envolva na actividade e que a veja como útil e pertinente. Esta pertinência despoleta a motivação e a curiosidade em relação às reacções dos colegas, alcançando, assim, o professor, um nível muito satisfatório na realização da actividade por parte dos alunos.

### Actividade 3

*Título:* “ Nessa situação eu...”

*Línguas:* Português/ Espanhol

*Objectivo:* O professor escolhe situações quase impossíveis de acontecerem, mas os alunos terão de dizer o que fariam se se encontrassem nelas.

*Tipo de actividade:* Interação social, porque apesar de serem praticamente impossíveis, a proposta não deixa de reflectir situações sociais.

*Temas:* Indefinido

*Procedimento:* Os alunos teriam contacto com situações caricatas ou não do dia-a-dia e teriam de apresentar à turma o que fariam numa dessas situações. Esta actividade faz com que os alunos tenham de, através da oralidade, dizer o que fariam e assim improvisar uma resolução para a situação que têm diante de si.

Claro que os alunos não podem simplesmente dizer que não sabem ou que não fariam nada; são obrigados a arranjar uma solução.

Alguns exemplos de situações seriam:

- Em que situação saltarias por uma janela?
- Em que situação gastarias o teu dinheiro todo?
- Em que situação te vestirias todo/a de vermelho?
- Em que situação gritarias em público?

Esta simples actividade pode proporcionar momentos divertidos na sala de aula, por isso, o professor terá de ter cuidado com as situações que propõe aos alunos. As respostas

devem ser elaboradas, sempre com um discurso coerente e coeso, improvisando a resolução para o problema.

Esta estratégia pode ser muito proveitosa se o professor interpelar o aluno e tentar que ele imagine situações que possam despoletar-se a partir da situação inicial, o que proporcionará, mais uma vez, o discurso espontâneo e informal.

É uma actividade de fácil planificação e preparação, mas aquando da execução, esta terá de ser muito controlada para que, devido a momentos mais informais que possam surgir, os alunos não se esqueçam que estão numa sala de aula. Esta situação prepara-os para controlarem certos impulsos que os podem prejudicar num contexto formal, ajudando a que consigam, mesmo sob pressão, argumentar e produzir um discurso coerente.

#### Actividade 4

*Título:* “ Eu vejo...”

*Línguas:* Português/ Espanhol

*Objectivo:* Descrever imagens.

*Tipo de actividade:* Comunicação funcional, porque o aluno terá de descrever imagens que vê naquele instante e que não se inserem em qualquer contexto social.

*Temas:* Indefinido

*Procedimento:* O professor entrega a um aluno uma imagem e, nesse momento, ele tem de a descrever perante a turma.

Esta actividade faz com que o aluno consiga descrever o que vê no momento, mas deve fazê-lo através de um discurso organizado, seguindo uma trajectória ordenada.

As imagens são paisagens naturais ou humanas, que obriguem a fazer descrição de grupo de pessoas, descrição de salas que tenham muitos objectos, entre outras.

A realização desta actividade proporciona ao aluno arranjar estratégias de raciocínio rápido do discurso que, possivelmente, lhe será bastante útil numa situação de expressão oral em que tem de argumentar num curto espaço de tempo perante interlocutores.

Estas actividades podem servir de base para muitas outras, em contextos e temas diferentes. Claro que o professor tem de conhecer muito bem os seus alunos para poder escolher para eles as melhores actividades e aquelas que mais frutos poderão dar.

As próximas actividades são dedicadas ao Espanhol, não querendo isto dizer que não possam ser adaptadas para o Português. Esta adaptação fica ao critério do professor.

### 5.4.2. Espanhol

#### Actividade 5

*Título:* “Carta a un padre desesperado ”

*Línguas:* Espanhol

*Objectivo:* Desenvolver estratégias de discussão formal sobre a saúde e sobre as doenças. Conhecer novo vocabulário sobre o tema. Recordar a estrutura de uma carta formal em Espanhol: *remitente, destinatario, fecha y saludos*.

*Tipo de actividade:* Interação social, uma vez que os alunos contactarão com problemas psicológicos que afectam a nossa sociedade e cada vez mais jovens.

*Temas:* Saúde física e mental, doenças.

*Procedimento:* O professor recordará o formato de uma carta formal. Pode utilizar como base a carta que se apresenta no anexo 4 figura 6 ou pode elaborar-se outra. Após a leitura da carta em voz alta, os alunos têm de fazer de psicólogos e responder à carta, tendo em conta estas advertências:

- Este pai é perigoso, é esquizofrénico e já teve muitos problemas;
- Numa ocasião agrediu um médico, porque não gostou do diagnóstico que lhe fez sobre outro assunto;
- Sabe a morada do consultório.

Nesta fase, os alunos podem responder por escrito e depois respondem oralmente ao pai, propondo soluções e discutindo entre eles se são apropriadas ou não.

Seguidamente, o professor pede aos alunos que digam, em voz alta, nomes de doenças psicológicas que conheçam, enquanto o professor as escreve no quadro.

Seria interessante, em forma de conclusão, propõe um debate sobre a “Aceitação Social destas doenças”, por exemplo, e os alunos podem falar das suas experiências.

Algumas ideias para o debate podem ser:

- Como é considerado nos seus países alguém ir ao psicólogo ou ao psiquiatra?
- Qual das doenças é considerada pior na sociedade?
- Que doenças ou problemas são mais comuns?
- Que importância têm os psicólogos no Ensino? ...

Esta actividade permite ao aluno praticar a oralidade em contexto formal, com a ajuda de um guião criado por si. O discurso tem de ser organizado e coerente, argumentando o aluno convenientemente, de acordo com os tópicos fornecidos pelo professor. O aluno, além de treinar a produção do oral, debate com os colegas temas que podem enriquecer a sua aprendizagem sociocultural, e prepara-se para participar em conversações ordenadamente, expondo a sua opinião e não limitando a dos outros.

#### Actividade 6

*Título:* “Somos...”

*Línguas:* Espanhol

*Objectivo:* Desenvolver estratégias de discussão formal sobre países e nações. Conhecer novo vocabulário sobre o tema. Recordar a estrutura de um texto de opinião, trabalhando o espírito crítico e a capacidade de organização de raciocínio.

*Tipo de actividade:* Interação social, porque os alunos terão de contactar com expressões que caracterizam personalidades características de certos países.

*Temas:* Indefinido

*Procedimento:* Pede-se aos alunos que pensem em algumas palavras para qualificar as pessoas de diferentes países e noutras que definam as pessoas das diferentes regiões do seu próprio país por exemplo: os brasileiros são alegres, os franceses são orgulhosos, etc.

Os alunos dizem em voz alta os nomes referidos a diferentes países e o professor escreve-os no quadro, organizando-os por países. Os alunos têm de argumentar cada decisão.

Seguidamente, são lidas algumas opiniões de personalidades (Anexo 5, figura 7), e inicia-se um debate livre comparando o conteúdo do artigo com o que anteriormente disseram os alunos.

Mais uma vez, o poder de argumentação é muito relevante nesta actividade, porque o aluno terá de explicar o porquê da escolha daquela caracterização específica dos habitantes dos países. O discurso terá de ser coerente e os alunos participam ordenadamente respeitando os colegas e as suas argumentações, ajudando a desenvolver a capacidade de, o aluno, aceitar a opinião dos outros e respeitá-la.

## Actividade 7

*Título:* “Decifrar la expresión”

*Línguas:* Espanhol

*Objectivo:* Estabelecer discussões informais, usando estratégias para descobrir o hieróglifo, trabalhando o espírito crítico e a capacidade de organização de raciocínio.

*Tipo de comunicação:* Comunicação funcional, uma vez que o aluno não realizará o seu discurso oral dentro de um tema social.

*Temas:* Adjectivos de carácter e personalidade

*Procedimento:* O professor entrega uns cartões (Anexo 6, Figura 8) com desenhos alusivos a muitas expressões relacionadas com o carácter e a personalidade. Reparte-os à sorte pelos alunos e escreve no quadro a lista das expressões que corresponde a cada ilustração. Os alunos têm de fazer corresponder cada desenho dos cartões a uma das expressões que se escreveu no quadro.

Seguidamente, divide-se a turma em pequenos grupos, o professor recolhe os cartões, mistura-os e entrega três a cada grupo. Pede aos alunos que não os mostrem aos restantes colegas.

Dá-se cinco minutos para que pensem em que situações podiam eles utilizar estas expressões para definir os seus actos. Depois, uma pessoa de cada grupo explica as situações que definem a sua expressão, usando as estruturas: “ Si yo ..., yo digo esto ..., Si yo..., haría esto”. Por exemplo: “Si yo me subiera ahora a la mesa del profesor, diría que estoy haciendo esto”. Deve explicar em que situações a usariam para se definir a si mesmo ou à sua maneira de actuar. O resto do grupo espera que termine a intervenção para sugerir a possível solução.

Nesta actividade comunicativa, os alunos, além de trabalharem a aprendizagem de novo vocabulário, praticam a produção oral através da argumentação, respeitando os colegas e ouvindo as suas sugestões. O discurso oral coerente será sempre um elemento de avaliação.

## Actividade 8

*Título:* “ ¿Qué sucedió...?”

*Línguas:* Espanhol

*Objectivo:* Recontar uma notícia

*Tipo de actividade:* Interação social, uma vez que os alunos treinarão a expressão oral tendo por base notícias reais que contam situações reais.

*Temas:* A notícia

*Procedimento:* O professor pede, na aula anterior, que os alunos pesquisem na internet ou em outro meio de comunicação, notícias espanholas sobre variados assuntos.

Depois de o professor recolher as notícias, entrega-as aleatoriamente a cada aluno, ou a cada par. Os alunos lêem a notícia que lhes foi entregue e, perante os colegas, recontam-na. No final do reconto, o aluno escolhe um colega e esse terá de voltar a recontar a notícia, mas desta vez tem de alterar alguns elementos que ache pertinentes, como por exemplo a data, o local.

Seria interessante que os alunos, baseando-se nas notícias que leram, as dramatizassem como se fossem jornalistas: apresentar o telejornal, entrevistar alguma testemunha, entre outras situações possíveis.

As actividades de reconto são importantes para uma aula de línguas, não só porque melhoram a capacidade de resumo, como também o discurso oral. A possibilidade que o aluno tem de, baseado num texto, recontar faz com que pratique esta competência através da junção dos elementos fundamentais do texto e o transforme noutra através da fala, logo no imediato e sem hipóteses de corrigir.

## Actividade 9

*Título:* “ Soy periodista...”

*Línguas:* Espanhol

*Objectivo:* Criar uma notícia e apresentá-la aos colegas.

*Tipo de actividade:* Interação social, porque, mais uma vez, os alunos, ao escreverem notícias, retratam situações do dia-a-dia que influenciam socialmente os alunos. As notícias, que escreverão, poderão ser a exposição de acontecimentos que podem ter ouvido ou presenciado.

*Temas:* A notícia

*Procedimento:* O professor entrega aos alunos uns cartões (Anexo 7, figura 9) com indicações sobre o tema ou acontecimentos mais pertinentes.

Os alunos têm de criar uma notícia incluindo todos os dados dos cartões que posteriormente irão apresentar oralmente. Aquando da apresentação, o professor grava em vídeo a prestação do aluno para mais tarde avaliar as falhas ou sucessos, tendo em conta os elementos paraverbais e a qualidade do discurso.

Esta actividade poderá ser repetida, com novas indicações ou temas, e podem-se comparar as mais recentes com as gravações anteriores para encontrar alterações positivas ou negativas das variadas prestações.

É uma actividade interessante para gravar, uma vez que estas gravações serão muito pertinentes para que os alunos se apercebam dos erros que cometem não só a nível do discurso, como também nos gestos, entoação, tom de voz entre outros. Neste sentido, os alunos, deixam de ser produtores para serem receptores do discurso e corrigirem as incorrecções.

#### Actividade 10<sup>33</sup>

*Título:* “ Conocer a famosos”

*Línguas:* Espanhol

*Objectivo:* Desenvolver estratégias de discussão formal apoiando-se num texto escrito, trabalhando o espírito crítico e a capacidade de organização de raciocínio. Será também uma boa actividade para praticar os tempos verbais do passado.

*Tipo de actividade:* Interação social, porque os alunos contactam com a vida real de uma personalidade de uma época, não esquecendo o contexto social da mesma.

*Temas:* Biografias / Tempos do passado

*Procedimento:* Esta actividade trata de contar, entre todos, a vida de uma personagem famosa. Para isso, o professor reparte uma sequência da biografia (Anexo 8, figura 10), que se apresenta de uma forma desordenada.

Cada aluno deve contar em voz alta a sua parte da biografia, mas ordenadamente e no passado. Para isto, devem prestar atenção aos seus companheiros, com a finalidade de poder ordenar coerentemente os factos. Na biografia há dados suficientes para que o aluno saiba quando tem que entrar (datas, alusões a épocas da vida da pessoa...).

---

<sup>33</sup> Adaptado de: MORENO, NARANJO, PIMENTAL, MONTOSA, 2005: 131.

Quando todos os alunos terminarem de falar, comenta-se algo sobre o autor descrito.

As figuras 11 e 12 do mesmo anexo retratam imagens ou poemas do autor dado como exemplo para esta actividade. Estas imagens e os poemas podem ser utilizadas para, posteriormente à primeira actividade, os alunos analisarem e para que possam dar a sua opinião sobre o autor em questão, valorizando, mais ainda, a actividade

#### Actividade 11<sup>34</sup>

*Título:* “Estaba prohibido”

*Línguas:* Espanhol

*Objectivo:* Desenvolver estratégias de discussão formal apoiando-se num texto escrito ou imagens, trabalhando o espírito crítico e a capacidade de organização de raciocínio. Conhecer a história de Espanha, principalmente durante a ditadura de Franco.

*Tipo de actividade:* Interação social, uma vez que os alunos terão de contactar com momentos importantes da história de Espanha.

*Temas:* História de Espanha: Ditadura de Franco

*Procedimento:* Entrega-se a cada aluno um tema que retrata aspectos culturais, objectos ou situações que estavam proibidas nos anos da Ditadura de Franco. (Anexo 9, figura 13).

Os alunos dispõem de um tempo para pensar sobre o tema (uns vinte minutos), porque depois devem comentá-lo com os seus companheiros, utilizando as suas próprias palavras. Não devem ler, nem simplesmente reproduzir o que leram. Perante cada comentário, os restantes alunos podem pedir explicações e o aluno deve responder.

Esta actividade termina quando todos tenham feito algum comentário sobre o que era proibido nesta época.

É importante induzir os alunos a fazerem pesquisas sobre aspectos que o professor ache pertinente, para a sua formação, e, esta actividade faz com que eles se apercebam das diferenças entre a ditadura e os tempos de hoje, para que possam perceber e respeitar a sociedade livre em que vivemos agora.

Por isso, seria interessante utilizar esta actividade em Português, uma vez que nós, portugueses, passámos por uma fase idêntica no nosso país, e pode ser uma actividade

---

<sup>34</sup> Adaptado de: MORENO, NARANJO, PIMENTAL, MONTOSA, 2005: 137.

muito importante para depois explicar certos textos e seus autores, ou simplesmente uma boa actividade do treino do oral.

As actividades aqui propostas para aulas de Espanhol são de fácil aplicação e podem motivar os alunos para o treino do oral. O professor deve monitorizar todos os discursos dos alunos e corrigir as falhas que podem ocorrer.

### 5.4.3. Português

As próximas actividades propostas são mais vocacionadas para o Português, no entanto, não quer isso dizer que não possam ser realizadas noutras línguas. Mais uma vez fica ao critério do professor a adaptação que este possa fazer.

#### Actividade 12

*Título:* “Encontro Pessoal”

*Línguas:* Português

*Objectivo:* Desenvolver estratégias de discussão formal, trabalhando o espírito crítico e a capacidade de organização de raciocínio. Aprofundar o conhecimento mútuo, compartilhando com espontaneidade uma experiência vivida.

*Tipo de actividade:* Interação social, uma vez que os alunos terão de comentar com os colegas os seus gostos e desejos.

*Temas:* Experiências de vida

*Procedimento:* Os alunos dividem-se em grupos de dois. Convém que não façam par os alunos que habitualmente mais se relacionam.

A cada aluno é entregue uma folha com uma relação de perguntas previamente preparadas, conforme o exemplo seguinte:

- Como me vejo a mim mesmo quando penso no futuro?
- Quando estou num novo grupo, como me sinto?
- Sinto-me melhor num grupo em que sou líder?
- Em que momento(s) sou mais feliz?
- O que mais me inibe em reuniões de grupo?
- Qual a emoção que mais me custa controlar?
- De que tenho medo?

- O que mais me alegra?
- Qual a minha maior esperança?

Em cada grupo formado, um dos membros lê as perguntas e responde-lhes brevemente, enquanto o outro escuta com atenção.

Invertem-se os papéis: o que escutou realiza o exercício, enquanto o outro escuta.

Seguidamente, cada aluno tenta organizar um discurso ordenado e responde ao maior número de perguntas de uma forma desenvolvida e coerente, tendo em conta todos os elementos paralinguísticos: gestos, posição do corpo, etc.

Esta actividade é muito interessante para o início do ano, porque, desta forma, os alunos podem conhecer-se um pouco melhor, e através destas perguntas, muitas outras podem surgir no momento que despertem mais situações de exposição por parte dos colegas.

Esta forma de exprimirem as emoções e sentimentos faz com que os alunos, perante situações constrangedoras, possam falar sem qualquer interrupção e de forma coerente sobre assuntos que os intimidem e para um público que não conhecem.

### Actividade 13

*Título:* “Argumentos”

*Línguas:* Português

*Objectivo:* Desenvolver estratégias de discussão formal, trabalhando o espírito crítico e a capacidade de organização de raciocínio.

*Tipo de actividade:* Interação social, porque os alunos, usando a sociedade como base, expõem as suas opiniões sobre temas essenciais, e sobre os quais muitas vezes eles não pensam.

*Temas:* Temas de actualidade

*Procedimento:* Na aula anterior ao dia da actividade, cada aluno escolhe um tema e pede-se aos alunos que pensem em argumentos a favor e contra.

No dia da aula, pede-se aos alunos que exponham os seus argumentos um de cada vez. O professor anota no quadro os argumentos, porque o suporte escrito faz com que as ideias não pareçam voláteis.

Cada argumento deve explorar-se com perguntas que favoreçam a discussão.

Eis alguns exemplos sobre temas básicos que podem ser utilizados nestas actividades:

- Ter cão;
- Ser famoso;
- Legalização das drogas;
- Viver no campo;
- Ajuda humanitária estrangeira;
- Comprar em supermercados;
- A política e os jovens.

Esta actividade possibilita, ao aluno, expor as suas opiniões e argumentar a favor delas perante um público que pode refutá-las e contradizê-las. Assim, o aluno terá de raciocinar rapidamente para que a sua opinião não fique sem sentido, tendo sempre como principal pilar da sua argumentação uma produção oral coerente.

#### Actividade 14

*Título:* “Inventar contos”

*Línguas:* Português

*Objectivo:* Desenvolver estratégias para trabalhar o espírito crítico e a capacidade de organização de raciocínio.

*Tipo de actividade:* Comunicação funcional, porque os alunos criam histórias que não reflectem, obrigatoriamente, aspectos da sociedade, prestando mais atenção ao discurso, aos gestos, ritmo e léxico adequado ao que é pedido.

*Temas:* Indefinido

*Procedimento:* O professor precisa de preparar com antecedência, uma vez que vai precisar de fazer uns cartões. Estes cartões são de dois tipos: grupo um, cartões com nomes de pessoas; grupo dois, cartões com lugares, verbos, adjectivos e objectos.

Colocam-se sobre a mesa os cartões separados pelos grupos. O primeiro aluno pega num cartão do grupo um e lê o que está lá escrito e compõe uma frase que deve obrigatoriamente começar por “Era uma vez...”.

O aluno que está à sua direita pega num cartão do grupo dois, lê o que está escrito e continua a frase do colega utilizando a proposta que lhe saiu no cartão. Todos os outros colegas lêem os cartões do grupo dois.

Se alguém se considera incapaz de construir uma frase com a palavra que a sorte lhe trouxe, deve devolver o cartão ao grupo. Cada vez que elabora uma frase lógica e correcta, conserva o cartão extraído do grupo dois como prova. Ganha o jogador que reúna cinco provas, isto é, cinco cartões, porque conseguiu construir cinco frases.

Eis alguns exemplos de palavras para os dois grupos:

**Grupo Um:**

- um padeiro
- um dentista
- uma rã
- um ladrão
- um mentiroso

**Grupo Dois:**

- um hospital
- um deserto
- espiar
- dormir
- sujo

Com estas actividades, o professor pode preparar aulas para treinar o domínio do uso do oral em Português e Espanhol. Estas actividades podem servir de base para criar outras, uma vez que podem ser alteradas consoante as necessidades da turma.

## 6. CONCLUSÃO

Após perceber que a oralidade na sala de aula é menos prestigiada do que a escrita ou o funcionamento da língua, propus-me trabalhar este tema, não só para saber mais sobre ele, como professora em formação, mas também para encontrar algumas estratégias para o treino do oral em sala de aula. Estas estratégias surgem através da explicação do que é a oralidade e da demonstração da sua crescente importância na formação de cidadãos que vão viver e desenvolver a nossa sociedade futura e são os nossos alunos presentes, por isso têm de ter a melhor preparação possível para serem cidadãos completos e realizados.

Durante muito tempo, a oralidade foi muito importante, ao ponto de haver uma disciplina só para treinar esta competência, mas, com o passar dos anos, ela foi perdendo relevância ficando, por vezes, esquecida e, sendo muito pouco trabalhada em sala de aula. No entanto, pela minha análise dos Programas de Português e Espanhol, a oralidade já começa, novamente, a fazer parte dos mesmos com uma posição mais interventiva numa sala de aula do que a que tinha anteriormente.

É essencial que os nossos alunos saiam da escola a saber falar a Língua Portuguesa na perfeição, ou também, a Língua Espanhola como se de nativos se tratasse. Esta necessidade de perfeição traduz as vontades que temos de comunicar com o outro, de contactar com outras nações e, assim, nunca estarmos isolados.

Para que este isolamento não seja possível, os alunos têm de se preparar para um futuro cada vez mais complexo e competitivo, onde a postura e a comunicação são fundamentais. Se o jovem tiver uma entrevista de emprego, para além do seu curriculum vitae, a sua postura e comunicação serão avaliadas, ou se tiver de apresentar um produto ou ideia será a comunicação oral o meio principal de conseguir adesão.

Neste sentido, é urgente que os alunos adquiram as competências para o domínio do uso oral formal, que comporta regras específicas e é na aplicação deste tipo de géneros discursivos que os alunos sentem mais dificuldades.

Ao longo do ano lectivo 2008/2009, e após contactar com a realidade de uma sala de aula, com os programas, com os alunos e as suas dificuldades, deparei-me com aulas em que a prática da oralidade não tinha lugar. Por isso, pensei em adoptar esta causa para as minhas aulas, e realizei actividades com os alunos para que pudessem praticar a oralidade.

Estas actividades basearam-se em debates, diálogos, conseguindo, assim, notar a dificuldade dos adolescentes em falar correctamente perante um público e o receio que reflecte esta dificuldade.

As actividades que produzi para exemplificar o treino do oral basearam-se na combinação das especificações dos programas com deduções que retirei do meu contacto com os alunos e das minhas experiências com os mesmos: receio, vergonha, falta de auto-estima que os impedem de ter uma postura corporal ou gestos adequados à oralidade formal. Além destas deduções, também constatei que os alunos não entendem a importância desta competência e por isso são muitas vezes desleixados.

Para além de todas estas considerações, depreendo que a escola não cria situações para que os alunos usufruam do treino do oral formal em contexto pedagógico, por isso urge uma intervenção didáctica para o ensino desta competência. Esta intervenção terá de conduzir os alunos para que estes aprofundem o conhecimento que já têm e, reflectam sobre o mesmo. E serão os professores que devem conduzir os alunos, ajudando-os a verbalizar o conhecimento que vão adquirindo, organizando-o coerentemente.

Assim, o professor já não ocupa o papel principal da aprendizagem, mas deve ser um criador de possibilidades e situações para que os alunos sejam autónomos ao longo do seu processo educativo. Neste contexto, o professor deve evitar que o discurso seja centrado em si mesmo, afastando a metodologia de uma aula meramente expositiva, em que o professor debita os conteúdos e o aluno se limita a ouvir e escrever, não tendo, assim, qualquer papel na aprendizagem.

Este texto é uma nova etapa num caminho que leva a uma meta muito especial: trazer para a sala de aula actividades para que os alunos possam praticar a expressão oral formal, para que, mais tarde, possam ser exímios falantes da Língua Portuguesa.

Este domínio do falar é possível, se os alunos e os professores dedicarem mais do seu tempo pesquisando, analisando e praticando a oralidade com actividades que lhes possam proporcionar esta aprendizagem por inteiro.

Este texto tem como principal propósito reflectir sobre a minha breve experiência profissional e abrir pistas de trabalho produtivas para alterar o estado do treino do oral nas escolas portuguesas, e, não representa o fim, mas sim o início da mudança e do meu percurso como docente.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 7.1. BIBLIOGRAFIA PASSIVA

BLANCAFORT, H. C. & VALLS, A. T. (2002). *Las cosas del decir. Manual de análisis del discurso*, Ariel Lingüística.

CANDELA, Pilar (2009). *La comunicación oral en el aula de E/LE*, Programa de Formação de Professores de Espanhol 2008/2009, Instituto Cervantes.

CASSANY, D.; LUNA, M. & SANZ, G. (1998). *Enseñar lengua*, Barcelona, Editorial Graó.

CROS, A. & VILÀ, M. (1999). “*Los usos formales de la lengua oral y su enseñanza*”, in *Textos de Didáctica de la Lengua y de la Literatura*, nº22 Barcelona, Graó.

DE MAURO, Tullio. (1980). *Guía para el uso de la palabra*. Barcelona, Ediciones del Serbal.

JUEZ, Ángeles Sanz. (2009). “*Dificultades específicas de la enseñanza del español a luso-hablantes. Cómo abordar las diferencias.*” Programa de Formação de Professores de Espanhol 2008/2009, Instituto Cervantes.

LITTLEWOOD, William (1998). “*La enseñanza comunicativa de idiomas. Introducción al enfoque comunicativo*”. Madrid, Colección Cambridge de Didáctica de Lenguas.

LOMAS, C. (2003). *O valor das palavras (I). Falar, ler e escrever nas aulas*, Porto, Edições Asa.

LÓPEZ, M. R. (2000). *Hablemos en clase*. Madrid, Edinumen.

MORENO, Concha & NARANJO, J. G. (1999). *Actividades lúdicas para la clase de Español*. SGEL.

RODRÍGUEZ, M. A. P. (2002). *Escuchamos, hablamos, leemos y escribimos con los medios*. Huelva, Grupo Comunicar Ediciones.

SANS, N. & MIQUEL, L. (2005) *De dos en dos*. Barcelona, Difusión.

SOUSA, HILÁRIO FERNANDES C. (2006). *A comunicação Oral na Aula de Português: Programa de intervenção pedagógico-didáctica*. Coleções práticas pedagógicas. Edições ASA.

TOVAR, J. J. B., (1995). *Aspectos semânticos y pragmáticos de la comunicación oral*, in BRIZ, A. et alii, *Pragmática y Gramática del Español hablado*, Valencia, Libros Pórtico, pp. 37-49.

TUSÓN, A. (1991). *Iguais perante a Língua, desiguais no uso*, in LOMAS, C. (2003). *O valor das palavras (I). Falar, ler e escrever nas aulas*, Porto, Edições Asa, pp. 73-89.

## 7.2. MANUAIS

BUITRAGO, A. & DOMÍNGUEZ, R., 2007. *Español Lengua Viva 2*, Santillana Universidad de Salamanca.

ALVES, F. M. & MOURA, G.B., 2007. *Página Seguinte, Português 10ºano*, Texto Editores.

COSTA, F. & DE CASTRO, R., *Novos Horizontes, Português 10º*, Porto, Porto Editora.

PINTO, E.C. & BAPTISTA, V.S., *Plural*, 2008, 1ªed., Lisboa, Lisboa Editora.

## 7.3. PROGRAMAS

*Programas do Ensino Profissional Industrial e Comercial*, Cursos de Formação Comercial, Lisboa, Imprensa Nacional, 1966.

FERNÁNDEZ, S., 2002. *Programa de Espanhol, Nível de Iniciação, 10ºano*, Ministério da Educação, Departamento de Ensino Secundário.

FERNÁNDEZ, S., 2002. *Programa de Espanhol, Nível de Iniciação, 11ºano*, Ministério da Educação, Departamento de Ensino Secundário.

SEIXAS, PASCOAL, COELHO, CAMPOS, GROSSO, LOUREIRO, 2001. *Programa de Português 10º, 11º e 12º ano, Curso Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*, Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.

#### 7.4. SÍTIOS DA INTERNET CONSULTADOS

AVENDAÑO, F. (2007). “*Hablar en clase: habla el docente, habla el alumno*”, acedido no endereço da Internet: [http://abc.gov.ar/lainstitucion/revistacomponents/revista/archivos/anales/numero06/archivosparaimprimir/20\\_aveda%C3%B1o\\_st.pdf](http://abc.gov.ar/lainstitucion/revistacomponents/revista/archivos/anales/numero06/archivosparaimprimir/20_aveda%C3%B1o_st.pdf), acedido em 14 de Abril de 2009.

CIVALLERO, E., (2009). “*Tradición Oral: Oralidad: la palabra hablada*” acedido no endereço da Internet: <http://tradicional.blogsop.com/2007/09oralidad-la-palabra-hablada.html>, acedido em 15 de Março de 2009.

FERNÁNDEZ, Y.T., (2005). “*Potenciar las estrategias comunicativas en las clases de E/ELE: una opción para desarrollar las habilidades orales*” acedido no endereço da Internet: <http://www.mepsyd.es/redele/revista5/tardo.shtml>, em 18 de Março de 2009.

MAUGERI, Cecilia (2009). “*Oralidad y escritura: ¿Prácticas en pugna?*”, acedido no endereço da Internet: <http://portal.educ.ar/debates/eid/lengua/debate/oralidad-y-escritura-practicas.php>, em 22 de Abril de 2009.

MURO, A. À. (2001) “*Oralidad y cotidianidad*”, acedido no endereço da Internet: <http://elies.rediris.es/elies15/cap11.html>, em 22 de Abril de 2009.

RAMAL, A. C. (1998). “*Linguagem oral: usos e formas*” acedido no endereço da Internet: [http://www.idprojectoseducacionais.com.br/artigos/linguagem%20oral\\_usos\\_e\\_formas.pdf](http://www.idprojectoseducacionais.com.br/artigos/linguagem%20oral_usos_e_formas.pdf), em 24 de Fevereiro de 2009.

Caracterização da Escola retirado de: [http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE\\_2008\\_DRN/AEE\\_08\\_ES\\_Martins\\_Sarmiento\\_R.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2008_DRN/AEE_08_ES_Martins_Sarmiento_R.pdf), acedido em 12 de Dezembro de 2008.

Imagens retiradas de <http://images.google.pt>, acedido a 20 de Novembro de 2008.

*Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação.* (2001), Porto, Edições ASA. Também acedido no endereço: [Http://sitio.dgdc.min-edu.pt/linguas\\_estrangeiras/Paginas/QEQR.aspx](Http://sitio.dgdc.min-edu.pt/linguas_estrangeiras/Paginas/QEQR.aspx), em 21 de Novembro de 2008.

# ANEXOS

ANEXO 1 - Imagens de plantas de casas



(Figura 1)

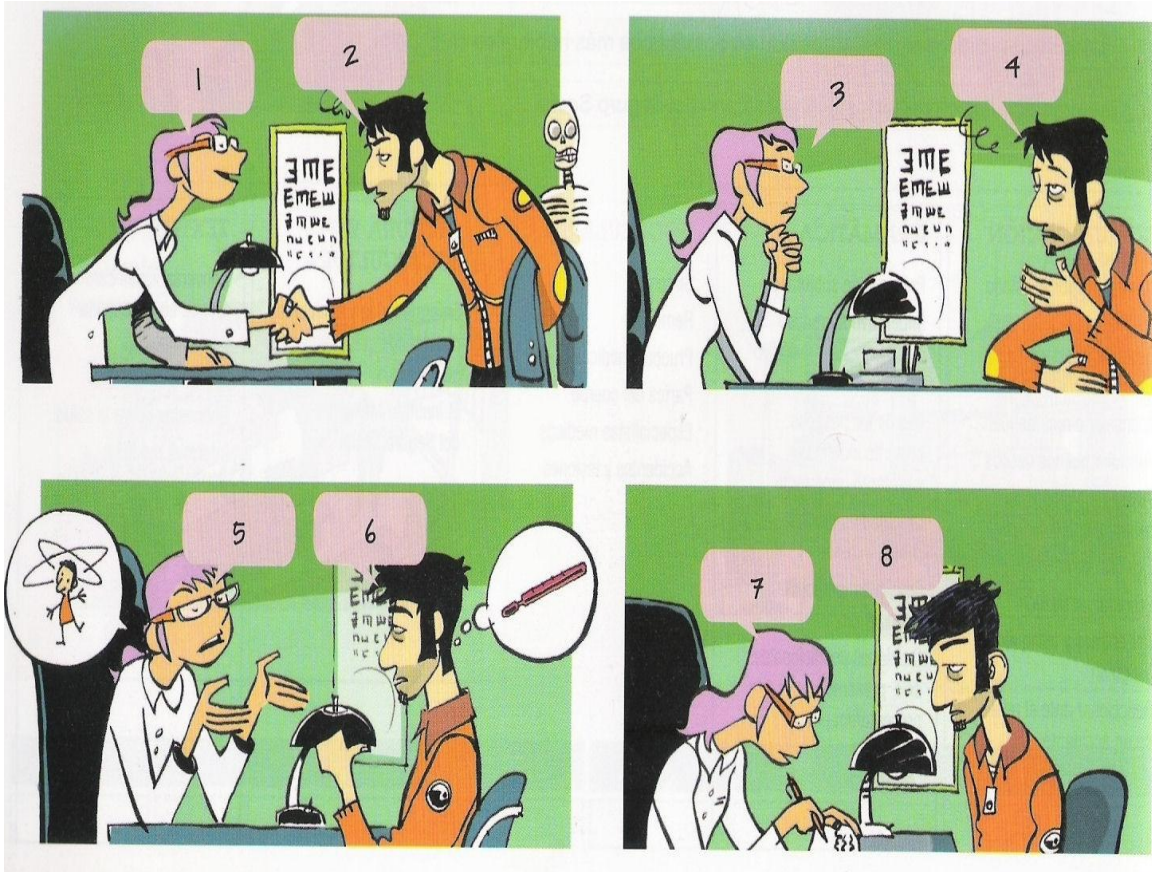


(Figura 2)



(Figura 3)

ANEXO 2 – Vinhetas: diálogo no consultório médico



(Figura 4)<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Retirado de: BUITRAGO, DÍEZ, DOMINGUÉZ, MARTÍN, NATAL, 2007: 90

**ANEXO 3 – Ficha de Trabalho: Teste sobre as férias**

**Escola Secundária Martins Sarmiento**

**Ficha de Trabajo nº1**

**Curso: 11 Grupo: CT6**

**Español**

¿Serán las chicas y los chicos tan distintos a la hora de ir de vacaciones?

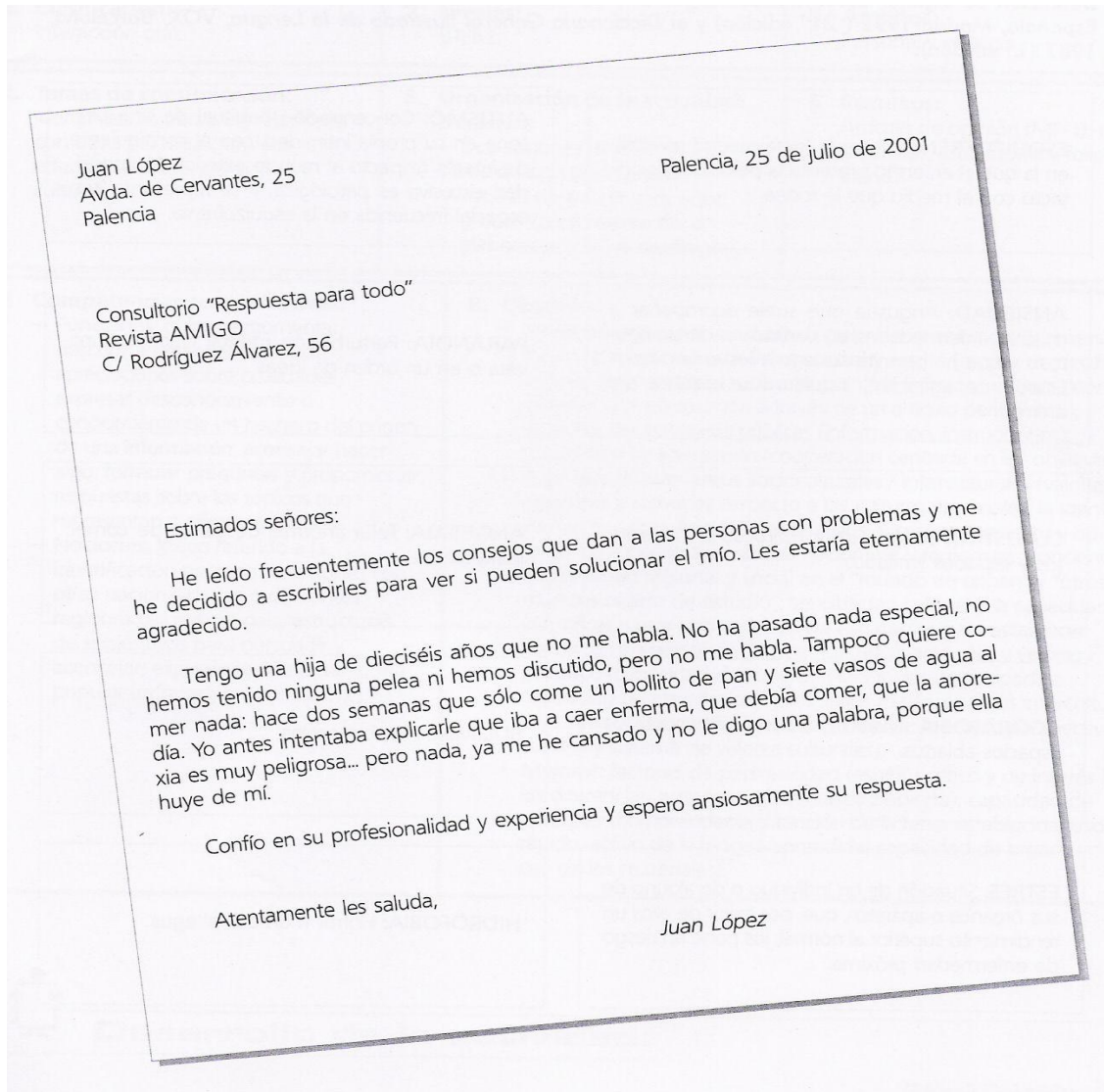
Haz el test y compara las respuestas mayoritarias de cada grupo.

<p><b>A: Para ti las vacaciones, sobre todo, una manera de...</b></p> <p>a) No hacer nada, sólo vegetar. b) Ir a lugares paradisíacos. c) Ver y conocer otras culturas.</p>	<p><b>D: ¿Cuál de estos alojamientos prefieres en vacaciones?</b></p> <p>a) Una caravana/una rulot. b) Una tienda de campaña. c) Un hotel/parador.</p>
<p><b>B: ¿Qué tipo de maletas prefieres llevar en tus viajes?</b></p> <p>a) Una mochila. b) Mi maleta de mano, mi neceser y una bolsa de mano. c) Una maleta con sitio extra para las compras que pueda hacer.</p>	<p><b>E: ¿Qué te haría volver al mismo destino de vacaciones año tras año?</b></p> <p>a) Si pudiera practicar muchos deportes diferentes. b) Saber que tengo mucho por descubrir. c) Me da igual donde ir, mientras haya una piscina.</p>
<p><b>C: ¿Qué medio de transporte prefieres?</b></p> <p>a) El avión, así puedo llegar a lugares lejanos. b) Cualquiera que pueda transportar más fácilmente mis equipos para el aire libre. c) Me da lo mismo mientras pueda descansar.</p>	<p><b>F: ¿Cuál de las siguientes es la mejor descripción de tus deseos para las vacaciones?</b></p> <p>a) Quiero ir a un sitio donde se pueda elegir entre muchos deportes y actividades diferentes. b) Quiero visitar museos, ciudades y conocer gente. c) Quiero un lugar que tenga muchas discotecas.</p>

	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>	<b>F</b>
<b>CHICOS</b>						
<b>CHICAS</b>						

(Figura 5)

**ANEXO 4 – Exemplo de carta de um pai**



(Figura 6)<sup>36</sup>

<sup>36</sup> Adaptado: MORENO, Concha, 1999.

## ANEXO 5 – Personalidades e nacionalidades

*No me gusta nada Noruega. El sol nunca se pone, los bares nunca abren y todo el país apesta a arenques.*  
Evelyn Waugh, escritor inglés (1903-1966)

*Es más fácil poner de acuerdo a todo el mundo que a una docena de españoles.*  
Jacinto Benavente, dramaturgo español (1866-1954)

*Francia sólo puede tener un papel directivo en épocas de florecimiento, cuando se trata de comunicar a lo conseguido la última perfección. Abrir caminos nuevos es cosa ajena a este pueblo.*  
Herman Keyserling, filósofo y escritor lituano (1880-1946)

*Se reprocha a los alemanes que unas veces imiten a los ingleses y otras, a los franceses, pero es lo mejor que pueden hacer, pues reducidos a sus propios medios no podrían darnos nada sensato.*  
Arthur Schopenhauer, filósofo alemán (1788-1860)

*Seamos francos: la contribución tecnológica italiana al género humano terminó con el horno para la pizza.*  
Bill Bryson, escritor norteamericano (1951)

*En América cualquier joven puede ser presidente. Supongo que ése es el riesgo que tienen que correr.*  
Adlai Stevenson, político norteamericano (1900-1965)

*Los canadienses son americanos sin Disneylandia.*  
Margaret Mahy, escritora neozelandesa (1936)

*Un inglés, incluso cuando está solo, forma una ordenada fila de a uno.*  
George Mikes, periodista británico, de origen húngaro (1912)

**¡Están locos estos extranjeros!**

*Juntos pero no revueltos. Todos nos hemos sentido extranjeros en alguna lengua y hemos tenido que escuchar los clásicos tópicos, a menudo hirientes, por lo que de verdad hay en ellos.*

(Figura 7)<sup>37</sup>

<sup>37</sup> Adaptado: MORENO, Concha, 1999.

ANEXO 6 – Hieróglifos



(Figura 8)<sup>38</sup>

<sup>38</sup> Adaptado: MORENO, Concha, 1999.

**ANEXO 7 – Pistas para construir notícias**

<p>Escándalo:</p> <p>Entrenador de voleibol sancionado</p> <p>Problemas con plantilla</p> <p>Presidente piensa soluciones</p> <p>Intervienen asuntos personales y de dinero</p> <p>Mañana soluciones</p>	<p>Movilidad y tensión en bolsa</p> <p>Españoles causantes del caos</p> <p>Asunto relacionado con empresa</p> <p>Pequeña nueva</p> <p>Multinacionales afectadas</p> <p>Reunión del FMI</p> <p>No comentarios</p>
<p>Nueva película</p> <p>Éxito en la pantalla grande</p> <p>Tema inédito</p> <p>Gran expectación en Europa</p> <p>Protagonistas extraños</p>	<p>Suceso curioso en un pueblo</p> <p>Perro abandonado salva</p> <p>A una persona</p> <p>Los familiares premian al animal</p>

(Figura 9)

## ANEXO 8 – Biografía, desenhos e poemas de García Lorca

Durante los últimos años se ha hablado mucho de Federico García Lorca, famoso poeta de la Generación del 27. Esta Generación se considera la representante de las vanguardias en España. A ella pertenecen artistas muy variados que vivieron juntos, durante los años veinte, en la Residencia de Estudiantes, de Madrid y que reaccionaron contra los movimientos culturales inmediatamente anteriores en el tiempo. Empezaron a abrirse al exterior y puede verse en sus obras la influencia de los movimientos de vanguardia vigentes en Europa en esos momentos.

El 5 de junio de 1898 nace en Fuente Vaqueros, un pequeño pueblo en la provincia de Granada. Sus padres son Federico García Rodríguez, propietario agrícola, y Vicenta Lorca Romero, maestra.

De niño, tiene problemas para mover una pierna. Este pequeño defecto le acompañará toda su vida. La familia se desplaza a Valderubio, donde Federico se muestra muy sensible y amante de la naturaleza y descubre el cante flamenco y los títeres.

En 1908 estudia Bachillerato en Almería.  
Continúa sus estudios en Granada y comienza a estudiar música.  
En 1916 viaja por toda España para ampliar estudios.  
Comienza a escribir sus primeros poemas.

En 1917 publica su primer texto: *Fantasia simbólica*.  
Al año siguiente publica *Impresiones y paisajes*.  
En 1919 se instala en la Residencia de Estudiantes, de Madrid, donde viven otros escritores e intelectuales.  
En 1920 fracasa su primera obra de teatro, *El maleficio de la mariposa*.

En 1923 se licencia en Derecho por la Universidad de Granada.  
En 1924 comienza a escribir el *Romancero gitano*.  
En 1926 publica la *Oda a Salvador Dalí*, a quien le une una profunda amistad.  
En 1927 estrena *Mariana Pineda*.

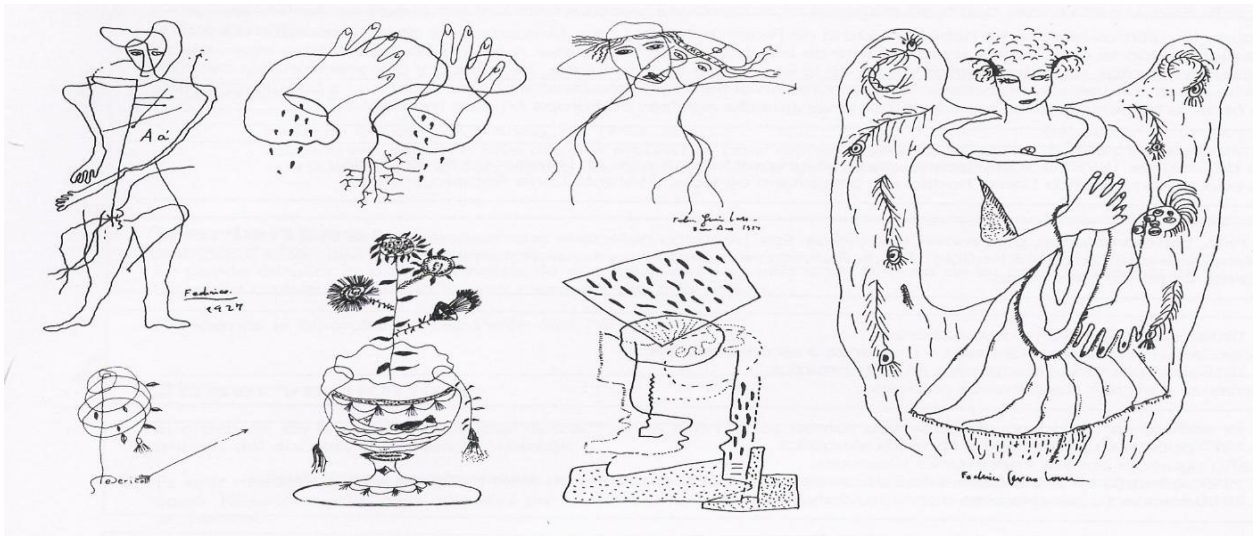
Entre 1929 y 1930 se dará el período más creativo de la obra de Lorca.  
Viaja a Estados Unidos. En Nueva York se inspira para uno de sus libros más famosos, *Poeta en Nueva York*, que supone un notable cambio de estilo en su obra.  
Visita Cuba, donde da conferencias sobre el cante jondo o flamenco.  
Escribe una de sus obras de teatro más conocidas, *El público*.

En 1932 el gobierno de la República aprueba La Barraca, una compañía de teatro con la que Lorca recorre España hasta 1935.  
Visita Argentina con motivo del gran éxito de *Bodas de sangre*, una tragedia de ambiente rural sobre la violencia en Andalucía.  
En diciembre de 1934 estrena, con gran éxito, otra tragedia, *Yerma*, sobre una mujer estéril.  
En 1935 publica el *Llanto por la muerte de Ignacio Sánchez Mejías*, un torero amigo del poeta.

En 1936 termina su tercera tragedia, *La casa de Bernarda Alba*, una obra sobre la sumisión de la mujer.  
Se une al Frente Popular (unión de partidos de izquierda). El 16 de agosto, días después de empezar la Guerra Civil, es detenido. Muere asesinado el día 18 ó 19, a las afueras de Granada.

(Figura 10)<sup>39</sup>

<sup>39</sup> Adaptado: MORENO, Concha, 1999.



(Figura 11)<sup>40</sup>

*Las profundas heridas  
de los arados  
han dado racimos  
de lágrimas.  
El hombre, bajo el sol,  
recoge el llanto  
del fuego.*

*En esta mañana de mayo,  
en que las dichas sus flores  
alcanzan,  
¡qué amargura tan dulce es querer  
un amor imposible y doliente!*

*La miel es como el sol de la mañana:  
tiene toda la grandeza del estío  
y la frescura vieja del otoño.  
Es la hoja marchita y es el trigo.*

*Tan, tan  
¿Quién es?  
El otoño otra vez.  
¿Qué quiere el otoño?  
El frescor de tu sien.*

*La luz del otoño  
tiene el dulce encanto de las madres buenas:  
Mece a los paisajes  
en rosa sonoro  
con manos de frondas  
y manos de niebla.*

(Figura 12)<sup>41</sup>

<sup>40</sup> Adaptado: MORENO, Concha, 1999.

<sup>41</sup> Adaptado: MORENO, Concha, 1999.

**ANEXO 9 – Textos de apoio**

<p><b>LA LIBERTAD RELIGIOSA</b></p> <p>La asignatura de religión era obligatoria para todos los estudiantes, quisieran o no. La tradicional maría (asignatura que se considera que no tiene mucho valor y que no se estudia con interés) salió de la universidad en 1977 y dos años después se hizo optativa y no evaluable en la enseñanza secundaria. Las personas que querían hacerse protestantes tuvieron que esperar a 1980.</p>	<p><b>EL ABORTO</b></p> <p>Ni por violación, ni por malformación del feto.</p> <p>Aunque había datos que decían que unas 300.000 españolas abortaban cada año en Londres, no estaba permitido el aborto.</p> <p>Hasta 1985 no fue legal.</p>	<p><b>LA IKURRIÑA</b></p> <p>Estaba prohibido ondear la bandera en el País vasco.</p> <p>Tras 40 años de prohibición, en 1977 pudieron hacerlo.</p> <p>Veinticinco mil personas vitorearon la bandera nacionalista vasca la noche del 19 de enero.</p>	<p><b>HOMOSEXUALIDAD</b></p> <p>Los homosexuales eran detenidos o iban a la cárcel cada vez que las autoridades querían.</p> <p>Como excusa sólo era necesario decir que eran exhibicionistas o que estaban causando escándalo público.</p> <p>Se consideraba que eran peligrosos sociales y por eso aparecieron en la Ley de Peligrosidad Social hasta 1979.</p>
<p><b>DROGAS</b></p> <p>Los <i>porros</i> no estaban permitidos, aunque algunas personas, como Enrique Tierno Galván, alcalde de Madrid, animaban públicamente a <i>colocarse</i>.</p> <p>Pero fumar hierba y hachís era algo normal desde finales de los años sesenta. La despenalización de <i>porros</i> y droga más dura, para uso personal, llegó en 1983.</p>	<p><b>PARTIDOS POLÍTICOS</b></p> <p>El 9 de abril de 1977 se legalizó el P. C. (Partido Comunista). Antes habían sido legalizados los partidos socialistas. Comenzó el retorno de los exiliados que habían salido del país por razones políticas. Algunos de ellos, muy famosos: Alberti, La "Pasionaria", Tarradellas, Santiago Carrillo...</p>	<p><b>TRABAJO FEMENINO</b></p> <p>Las mujeres no podían trabajar de noche, ni tampoco tenían acceso a trabajos duros o significativos, como la minería o el ejército. En 1988 empezaron a entrar en el ejército y en 1994 pudieron bajar a trabajar a las minas, dos años después de que el Supremo lo permitiera.</p>	<p><b>LIBERTAD DE EXPRESIÓN</b></p> <p>En 1978, aunque había ya desaparecido la censura, un grupo teatral muy famoso fue condenado a dos años de prisión por "injurias al Ejército". La condena hizo famosos a <i>Els Joglars</i> y la careta blanca con una raya roja en la boca se convirtió en el símbolo de la libertad de expresión.</p>
<p><b>HUELGA</b></p> <p>Las cárceles estaban llenas de huelguistas y de sindicalistas. En marzo de 1980, con el Estatuto de los Trabajadores, se consiguió implantar el derecho a la huelga en España.</p>	<p><b>MANIFESTACIONES</b></p> <p>El Primero de Mayo de 1977, los trabajadores no tuvieron suerte: la manifestación en Madrid fue prohibida. Se puso como excusa que era una provocación a la derecha. Hubo que esperar a la Constitución para manifestarse en la calle sin miedo a la policía.</p>	<p><b>MATRIMONIO CIVIL</b></p> <p>El matrimonio <i>por lo civil</i> no fue posible hasta 1978. Hasta ese momento, si alguna pareja se quería casar en el juzgado, debía pedir permiso a la Iglesia, pasando por interminables barreras burocráticas eclesiales.</p>	<p><b>EL ÚLTIMO TANGO EN PARÍS</b></p> <p>Esta película no llegó a las pantallas españolas hasta octubre de 1977.</p> <p>Los seguidores de Marlon Brando tenían que viajar a Francia si querían verla.</p>

(Figura 13)<sup>42</sup>

<sup>42</sup> Adaptado: MORENO, Concha, 1999.